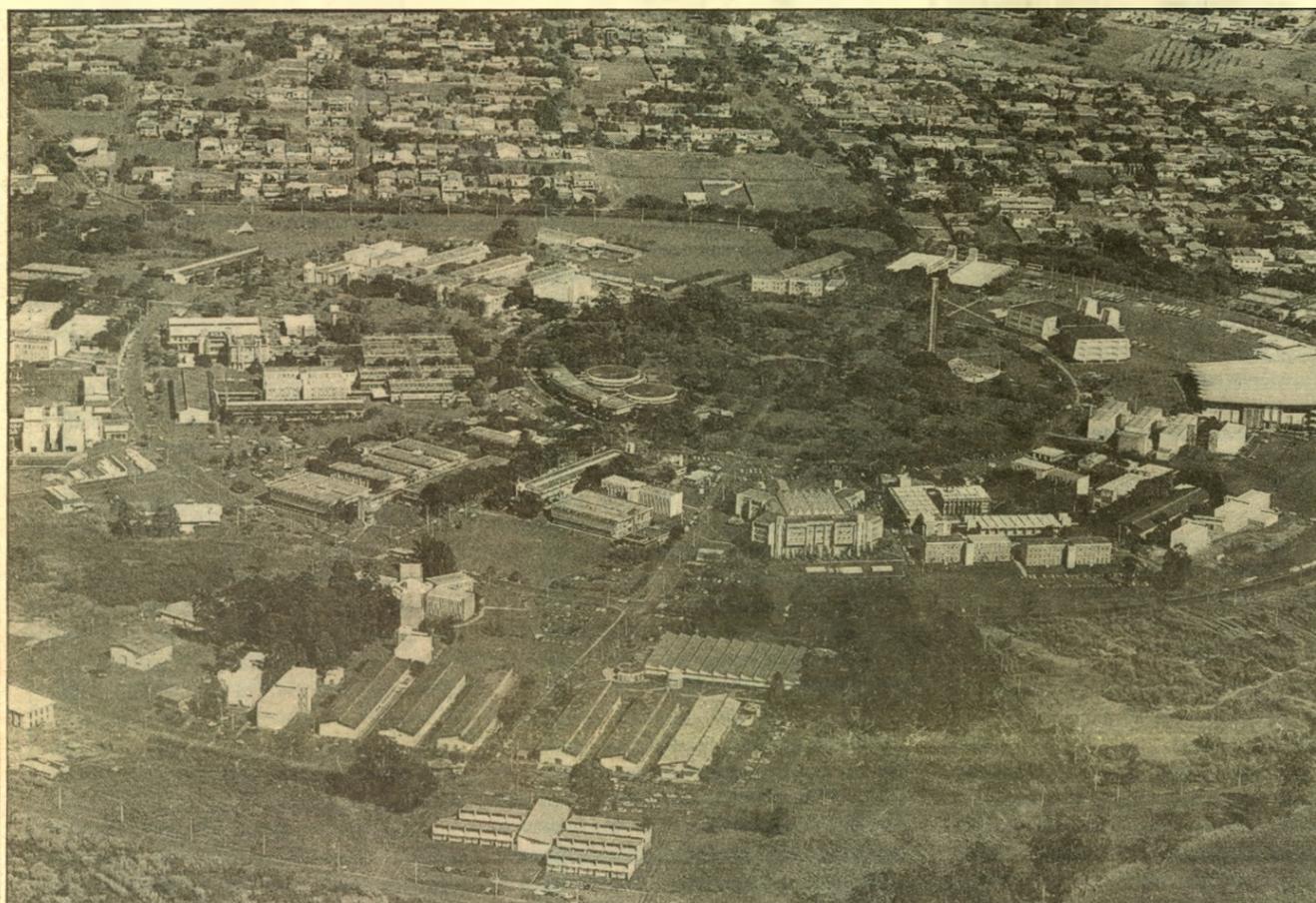
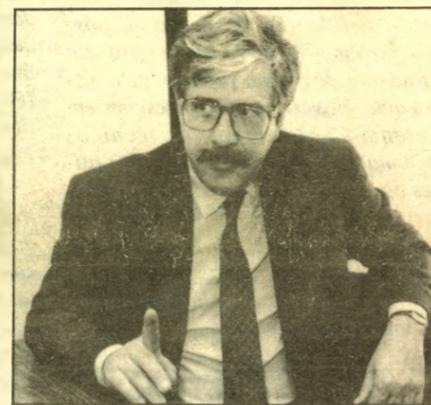
Médico se inspira em poeta para escrever tese

Leitor inveterado do poeta português Fernando Pessoa, o médico gastroenterologista Paulo Roberto de Sousa, encontrou no *Livro do desassossego* a motivação inicial de sua tese sobre as relações médico-paciente, recém-defendida na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. A tese, que classifica o discurso médico de "desumano", tem a peculiaridade de ter sido escrita na primeira pessoa. **Página 9.**

Às vésperas do jubileu

Tomada aérea do campus da Unicamp em julho de 1991, ano de seu 25.º aniversário.

No próximo dia 5 de outubro a Unicamp completa oficialmente 25 anos de existência, a contar do lançamento da pedra fundamental de seu campus, em 1966. Várias atividades alusivas estão sendo preparadas para o período que vai de outubro a dezembro, tendo como ponto alto um encontro nacional sobre educação. A idéia é repensar o sistema educacional brasileiro a partir de uma experiência universitária específica, a da própria Unicamp, "uma universidade cosmopolita", segundo o professor Roberto Romano, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. A programação do jubileu está na **página 11**. A entrevista com Romano, na **página 3.**

O filósofo Roberto Romano

Mônica e Cebolinha vão à escola

Os personagens de Maurício de Souza, hoje conhecidos de milhões de crianças brasileiras e de outros países, são ótimos também na sala de aula. Não apenas para divertir, mas também para ensinar e, segundo a professora de educação física Gílian Carraro, aluna de pós-graduação da Unicamp, "para divertir ensinando". Sua proposta é levar os quadrinhos à sala de aula para "quebrar a rotina didática, limitada a reproduzir exercícios ou jogos desportivos, sem levar em conta os fenômenos culturais". **Página 10.**

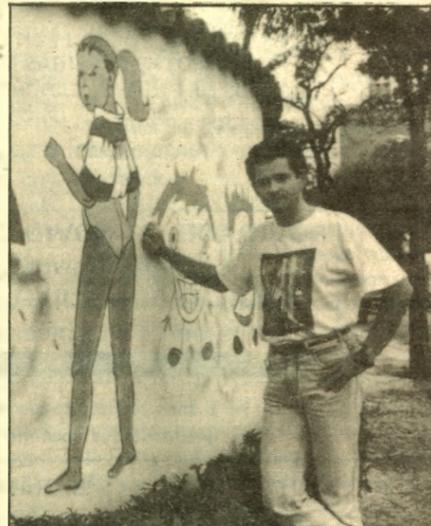
Gílian : personagens de Maurício de Souza.

Livro narra aventura do teatro de revista

Recuperando a trajetória de um gênero quase desaparecido, a pesquisadora Neyde Veneziano, do Instituto de Artes da Unicamp, busca as raízes populares do teatro de revista, em tese que acaba de virar livro. **Página 12.**

A atriz Consuelo Leandro em foto dos anos 50.

Tese abona arte urbana dos grafites

Paris, Nova York e Berlim são as pontas de um triângulo famoso por seus murais de grafite. Mas a vitalidade e a mutação urbana fizeram de São Paulo a capital do gratife dos anos 80. Já há estudiosos do assunto, como o antropólogo urbano Nelson Eugênio da Silveira Júnior, que defendeu recentemente tese de mestrado na Unicamp sobre a "cartografia dos grafites na cidade de São Paulo". Para ele, a pré-história dessa forma urbana de expressão está nas pinturas rupestres das cavernas paleolíticas. **Página 5.**

Grafites: tema de estudo de Nelson Eugênio.

A pós-graduação na Unicamp: uma análise

José Dias Sobrinho

Nos anos 60 foi criado o regime de cursos de pós-graduação no Brasil, com os objetivos explícitos de estabelecer nas universidades a pesquisa sistemática e os programas de formação de pesquisadores e docentes em e para os níveis superiores.

Decorridos vinte e poucos anos, é possível hoje afirmar com relativa segurança que o subsistema de pós-graduação no Brasil ainda não cumpriu plenamente os objetivos básicos que lhe foram atribuídos mas, sem dúvida, seu desenvolvimento tem sido muito mais forte e consistente que o de outros níveis educacionais. Com efeito, a instalação de cursos de mestrado e doutorado, recobrindo os diferentes campos do conhecimento, contribuiu enormemente para a instauração da pesquisa nas universidades brasileiras e para um programa consistente de formação de pesquisadores e docentes de nível superior. É verdade que existem, isoladamente, cursos deficientes ou regiões pouco produtivas, do ponto de vista da pós-graduação. Mas não é menos verdade que, considerado o subsistema em todas as áreas, há cursos de boa qualidade impulsionando de modo razoavelmente amplo e equilibrado o desenvolvimento da ciência e da cultura e a formação de profissionais de elevada competência.

Sendo essas as principais funções constitutivas de uma universidade, pode-se pois dizer que a pós-graduação trouxe enorme contribuição para esse processo de construção da universidade pública brasileira. Em outras palavras, estabelecendo a pesquisa e a política de formação, a pós-graduação tem sido fundamental para que as instituições de ensino superior se construam como universidades e cresçam em competência científica e técnico-profissional, seja no conjunto de suas atividades ou, como ainda ocorre em muitas, apenas em alguns campos do saber. Importante insistir em três aspectos dos que estão sendo afirmados: amplitude dos programas, predominância da instituição pública e qualidade dos cursos.

Conforme a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Capes — (1989), a área de exatas oferece 14,1% dos cursos, as de biológicas e da saúde participam com 37,8%, as engenharias com 20,6% e as humanas contribuem com 27,5%. Dos 5.040 mestres titulados em 1989, são de instituições públicas (federais e estaduais) 99,4%, enquanto que, dos 997 doutores, 95% são de universidades públicas. Em sua maioria, esses cursos apresentam bons índices de qualidade. Têm conceito "A" e "B" da Capes 77% dos cursos de mestrado e 87,5% dos de doutorado.

Tem sido inegavelmente importante para a consistência das ações em nível nacional, garantindo a existência do subsistema, um conjunto programado de estímulos e controle, coordenado e operado pela Capes: uma combinação de múltiplas e periódicas avaliações dos cursos, das estruturas, da atividade de docência, da produção científica, que não apenas orientam o desenvolvimento dos programas, mas também fornecem as bases para a política de fomentos, auxílios e bolsas. A pós-graduação consegue, portanto, alguma coisa que os demais subsistemas educacionais ainda não alcançaram: o estabelecimento de um sistema de avaliação competente e respeitado, que produz aos cursos efeitos de sinalização e apoio qualificado.

Essa breve e positiva apresentação da pós-graduação brasileira não deve escamotear alguns problemas sérios, que mereceriam longa discussão, porém serão aqui apenas mencionados. São conhecidos da comunidade científica: a quase total absorção da pesquisa pela pós-graduação, a falta de articulação com a graduação, o superdimensionamento do mestrado, as desigualdades regionais, o sucateamento dos laboratórios e bibliotecas, a crônica falta de recursos à pesquisa ...

A pós-graduação da Unicamp é contemporânea da instalação e do desenvolvimento da pós-graduação brasileira. Além do mestrado em ortodontia, iniciado em 1962, antes portanto da própria Unicamp, a grande maioria dos cursos se instala no decênio de 70, primeiramente na FEA (Faculdade de Engenharia de Alimentos) e no IFGW (Instituto de Física "Gleb Wataghin") — 69 e 70 — e rapidamente atingindo nos anos subseqüentes quase todas as unidades de ensino e pesquisa. Os mais recentes são os cursos do IG (Instituto de Geociências), do IA (Instituto de Artes) e da FEF (Faculdade de Educação Física).

Hoje a Unicamp oferece cursos de mestrado em todas as unidades e de doutorado em quase todas, 75% deles avaliados com "A" pela Capes. Não é exagero, portanto, pensar que a pós-graduação tem tido, desde o início e ao longo dos 25 anos, um papel da maior relevância na construção da Unicamp enquanto universidade que se destaca na produção científica, tecnológica, cultural e na formação de docentes e pesquisadores de alto nível. Também deve ser correto pensar que a pós-graduação da Unicamp tem exercido considerável influência no processo de estabelecimento e organização da pós-graduação brasileira, pela instauração da pesquisa, pela abrangência das áreas, pelo volume de trabalhos e número de titulações e sobretudo pela qualidade e relevância da produção acadêmico-científica. Trata-se de universidade dentre todas a mais dedicadas à pós-graduação, não apenas porque do total de estudantes 45% estão nesse nível, mas também pela densidade da geração de conhecimentos e produtos e pela formação de pessoal, inclusive de profissionais de tipo novo. A pós-graduação da Unicamp tem assim um padrão de reconhecimento internacional. Dos 5.423 estudantes atualmente inscritos (incluídos os 1.046 especiais), 354 são estrangeiros, oriundos de 45 diferentes países da América, África, Ásia e Europa. A Unicamp é certamente uma grande referência nacional: dos atuais estudantes da pós-graduação, 3.363 são paulistas, enquanto 1.706 provêm dos demais Estados.

José Dias Sobrinho é pró-reitor de Pós-Graduação da Unicamp.

Importante também é destacar a relevância desse trabalho de pós-graduação para as instituições de ensino superior brasileiras: através do Programa Institucional de Capacitação de Docentes (PICD), 74 dessas instituições estão confiando à Unicamp a formação de professores seus, 97 em nível de mestrado e 271 em nível de doutorado.

A Unicamp em outubro completará 5.000 teses. Só em 1990 foram realizadas 596, o que representou um aumento de quase 51% sobre o ano anterior. A tendência se mantém em 1991: nos primeiros sete meses, 366 teses já foram defendidas, totalizando o número de 4.816 titulados do início da pós-graduação até 31 de julho de 1991, dos quais 990 em nível de doutorado. Uma das explicações para esse incremento na titulação está no conjunto de ações programadas buscando a diminuição dos tempos médios, que são elevados não só no Brasil mas também em países do Primeiro Mundo. Conforme estimativas da Capes, a titulação pós-graduada tem consumido em média 57 meses no mestrado e 66 meses no doutorado, pouco menos nas exatas, tecnológicas e biológicas, pouco mais nas Humanas. Por aí também andava a Unicamp, considerados os alunos com ingresso anterior a 1985 (60 e 68 meses). Com efeito, a partir de 1985, um conjunto de ações combinadas passa a ser praticado pelas agências de fomento (diminuição dos prazos máximos de bolsas), pela Comissão Central de Pós-Graduação/Pró-Reitoria de Pós-Graduação/Diretoria Acadêmica e pelos cursos visando à agilização dos programas. Em 85 entram em vigor os prazos máximos definidos pelos cursos e as agências exigem o cumprimento das novas normas da política de bolsas. Em 88, o Regimento Geral e em seguida os Regulamentos dos Cursos da Unicamp promovem um enxugamento das estruturas curriculares em benefício da dedicação à pesquisa e conseqüente elaboração da tese. Mais recentemente houve um aperfeiçoamento de algumas dessas normas, junto com um acompanhamento rigoroso e programado do processo de titulação. Vem ocorrendo, portanto, um crescente e consistente amadurecimento na pós-graduação da Unicamp, com bons indícios de que a produção se manterá elevada e com significativa diminuição dos prazos de integralização, cuja média se consolidará, após este período de transição, em tempo presumível ao redor de 40 meses para o mestrado e 50 meses para o doutorado.

Ultimamente, a expansão tem se dado principalmente em duas direções: a implantação do doutorado naquelas unidades onde o mestrado já se consolidou e a abertura de cursos em áreas interdisciplinares, com o propósito de formar profissionais de tipo novo e fazer avançar os conhecimentos em campos limítrofes, com a cooperação de especialistas de variadas abordagens e procedências. Este é o caso, por exemplo, do curso de geoengenharia de reservatórios e o de qualidade, últimos criados. Esse incremento da pós-graduação da Unicamp não se faz com prejuízo da qualidade. Essa tem sido uma das preocupações básicas da Comissão Central de Pós-Graduação, que tem procurado acompanhar atentamente o estabelecimento dos novos cursos e o desenvolvimento daqueles mais antigos que não apresentam desenvolvimento qualitativamente satisfatório.

Voltando ao início, é forçoso dizer que a pós-graduação, como a da Unicamp, vem prestando serviços relevantes às universidades, à pesquisa, à formação de pessoal de alto nível do país e do exterior e para a consolidação desse subsistema educacional. Mas é preocupante observar que esse papel vem sendo desenvolvido, com amplitude e competência, quase que exclusivamente por instituições da região Sudeste. Com efeito, é muito preocupante que o Norte consiga formar apenas 0,7% dos doutores, o Nordeste 1,4%, o Centro-este 0,6% e o Sul, 5,4%. Enquanto isso, a região Sudeste responde pela formação de 92% dos doutores, marca possível graças principalmente à ação das universidades estaduais paulistas, que oferecem a metade dos cursos de doutorado do país.

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciacco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M.S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-8394 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.
Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.91), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751), Eliana de Souza Lima (colaboradora).
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéa Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

Entrevista: Roberto Romano

Da universidade cosmopolita

*Instalada 32 anos após a criação da primeira universidade brasileira, a Unicamp surgiu no vácuo ideológico que se seguiu ao movimento militar de 1964 e que alcançou, em graus diferentes, as principais instituições de ensino superior da época. Surgiu como um modelo desenvolvimentista, não ortodoxo, cosmopolita e pluralista. É o que diz o filósofo Roberto Romano, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, nesta entrevista ao **Jornal da Unicamp**.*

Romano: pelo pluralismo e pela convivência fecunda das diversas ortodoxias.

Jornal da Unicamp - A história universitária brasileira é extremamente recente. Dada a secular tradição acadêmica portuguesa, por que o projeto universitário demorou tanto?

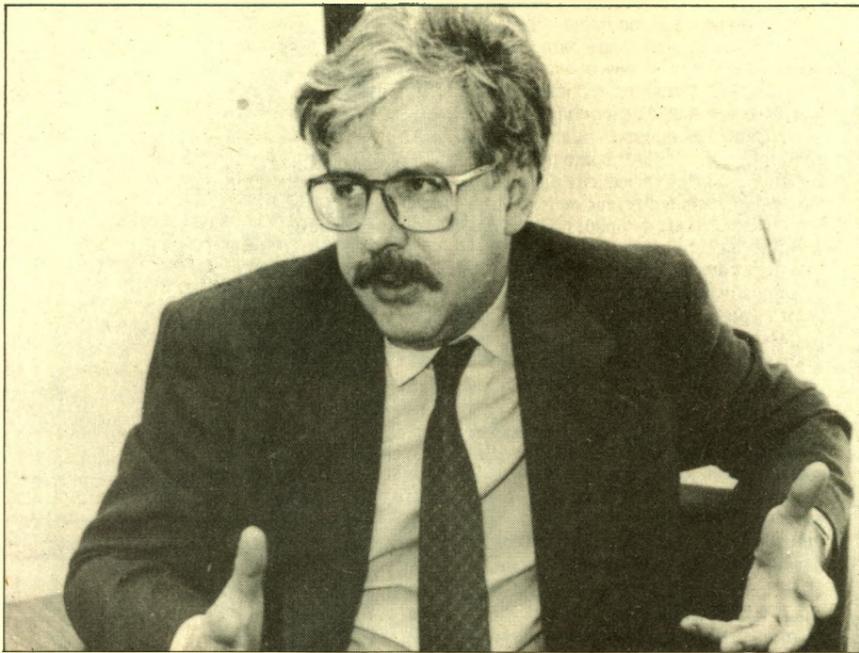
Roberto Romano - A universidade brasileira realiza o sonho dos primeiros republicanos. É interessante perguntar por que eles — Bocaiúva, Campos Salles etc — tanto retardaram o seu projeto universitário. Hoje sabemos que eles hesitaram. E isto porque temiam simultaneamente os postulados mais radicais da Revolução Francesa e o conservadorismo do pensamento católico. Eles não queriam o retorno da hegemonia eclesiástica nem o liberalismo alheio à produção moderna, a base técnica. Os positivistas tiveram bastante importância na determinação do Estado, no plano do executivo federal. Eles retardaram ao máximo a instalação de universidades que tivessem hegemonia liberal ("metafísica, crítica") ou religiosa. Ora, a Universidade de São Paulo surge mais tarde, dentro de uma crise do Estado e de hegemonia na sociedade civil. Ele aparece como um projeto liberal, mas não nos estritos moldes das luzes. É um projeto liberal preso, por exemplo, ao neopositivismo, às doutrinas de Spencer, entre outros. É uma concepção orgânica de universidade que ao mesmo tempo procura valorizar tanto a técnica e a ciência quanto o controle das massas pelo saber sociológico. O sr. Júlio de Mesquita diz claramente isso: a universidade, no organismo social, cumpre função idêntica à do cérebro no organismo físico. Ou seja, caberia à universidade produzir cabeças pensantes e os elementos intermediários que fariam a ligação entre o que se conquistou especulativamente e tecnicamente com a população. Em última instância, a Universidade de São Paulo, sendo liberal, é uma espécie de resposta ao positivismo. Para este, não é possível uma sociedade de fundo liberal — e uma universidade — sem cair na metafísica, no beletrismo, no conservadorismo católico.

> *"A Unicamp já começou num plano cosmopolita"*

JU - O que sobreviveu, então, dessa concepção positivista da universidade?

Romano - As piores previsões e muitos dos temores dos positivistas estão se realizando. Nós vemos que a universidade brasileira — compreendendo as públicas e as particulares — privilegiam de maneira exorbitante as áreas das ciências sociais aplicadas, as chamadas Ciências Humanas, num país que luta para sobreviver e existir num mundo altamente tecnificado, com uma base científica muito sofisticada. Nós não possuímos *kow-how*, condições de produzir saberes técnicos e temos um problema gravíssimo, a qualificação da mão-de-obra nacional. Falta-nos a massa formada para esse tipo de desenvolvimento. Sem isso é impossível a soberania, impossível avançarmos na especulação em todos os campos, inclusive em Ciências Humanas.

JU - Isto não se deve, também, em parte, à heterogeneidade do sistema universitário brasileiro?

Romano - Não só isso. Do ponto de vista estatal, nossa tradição é extremamente centrada na iniciativa do governo, no monopólio do poder pelo Executivo. Assim, as universidades sendo subsidiárias do Estado ou instituições estatais, tendem a modificar sua face conforme se modifica o Executivo. Ora, esse Executivo, por sua vez, embora tendo poder de iniciativa, precisa entrar em negociação com forças institucionais ou sociais as mais diversas — como é o caso da Igreja Católica, dos industriais etc —, para que daquilo que o Executivo procura surja algum compromisso. No caso das universidades federais a coisa chega a ser aberrante: muda o presidente, o ministro da Educação ou o governador do Estado e muda toda a expectativa e o que se quer da universidade. Essa relação é sempre muito tensa, gerando instabilidades no plano da pesquisa, do ensino etc. Muito dificilmente um conselho universitário ou um reitor pode pensar em instituir um programa de longo alcance, porque isso depende da composição de forças sociais e da composição política do Executivo. A autonomia da universidade pública é apenas, por enquanto, um ideal a ser conquistado. Neste aspecto, as universidades do Estado de São Paulo, sobretudo a USP e a Unicamp, têm grande potencialidade para resistir a essa política. Eu vejo a Unesp com um pouco mais de dificuldade nesse jogo.

JU - Voltando à evolução histórica da universidade brasileira: qual foi o impacto do nascimento da USP, em 1934, no processo de formação das elites nas décadas seguintes?

Romano - Esse ponto é importante. O saber técnico, o saber científico, o saber sociológico e o saber antropológico etc produzidos na USP serviram muito para as buscas de desenvolvimento nacional. E também serviram para embasar programas de partidos liberais, progressistas ou de esquerda, no Brasil. É impossível você pensar o PMDB, o PSDB e o PT sem a USP, aí indicando a USP não apenas no campo das Humanas, mas a USP no seu conjunto. Ela mostrou que era possível um saber nacional com estatuto internacional. Basta lembrar certos fatos importantes, alguns já esquecidos, na história científica dessa universidade. Por exemplo, quando houve o cancro cítrico nas lavouras paulistas nos anos 50 e 60, bom, a USP e institutos isolados de pesquisa, com a ajuda da Fapesp, conseguiram debelar uma coisa tão letal para a economia mostrando que a ciência não é algo separado da produção. Ou seja: ela pode intervir e resolver problemas gravíssimos da economia e da dinâmica econômica social. É o que a Unicamp faz muito bem hoje, aliás.

> *"Sem qualificação é impossível qualquer tipo de soberania"*

JU - Além disso, a USP passou a ser, a partir dos anos 60, um verdadeiro manancial para a administração pública em todos os níveis, papel que a Unicamp passou também a cumprir a partir dos anos 80.

Romano - Isso é interessante: se fizermos um recorte, veremos que nos partidos mais à esquerda as lideranças significativas têm uma figura bastante marcada pela área da sociologia. A área de economia da Unicamp, por exemplo... não é apenas por sarcasmo que o sr. Roberto Campos disse aquela coisa retaliativa: "Ou a Unicamp acaba com o Brasil ou o Brasil acaba com a Unicamp". O Instituto de Economia tornou-se uma espécie de cartão de visita daquilo que os demais institutos realizam aproximadamente; ou seja, trata-se de uma outra matriz em desenvolvimento, que está se delineando.

JU - De acordo com a concepção de que as universidades em geral surgem em função de demandas sociais históricas, o que teria propiciado o surgimento da Unicamp em meados dos anos 60?

Romano - Por volta de 1964 desenvolveu-se na USP um vácuo ideológico a partir de questionamentos internos acerca do próprio modelo daquela Universidade e dos institutos isolados. Sem essa tensão — esse relacionamento dos institutos isolados com a USP — não poderíamos entender como foi possível a emergência da Unicamp. Esta surge não para retomar o modelo da USP, nem o seu modelo de institucional. Ela aparece como uma universidade não rigidamente hierarquizada em termos de carreira ou centrada na administração do saber adquirido. Ela já se define numa perspectiva de levar adiante tudo o que se pensou em termos de desenvolvimento nacional, em tecnologia, em ciências etc. A Unicamp brota como um projeto de modernidade no sentido bom e duvidoso da palavra. Ela se patenteia como uma universidade moderna nos dois sentidos. Se você quiser, ela herda o que havia de positivo no projeto desenvolvimentista e também aquilo que havia de ambíguo.

JU - Como você analisa a figura do professor Zeferino Vaz, um típico idealizador e construtor de instituições, no contexto histórico dos grandes educadores teóricos do seu tempo, como Fernando Azevedo e Anísio Teixeira?

Romano - A primeira coisa a lembrar é que o professor Zeferino nunca deixou o laboratório. Esse é um ponto importante. A universidade que ele criou, bem ou mal, está ligada à produção científica. Esta é a sua marca relevante. Claro que o professor Fernando Azevedo tinha sua produção teórica. Semelhante compromisso com a produção científica relativizou os compromissos de ordem doutrinária, política etc. Este é outro ponto que me parece estratégico. Pôde-se agregar na Unicamp pessoas das mais diversas tendências político-partidárias, ideológicas etc. Quando a experiência plural da USP se fragmentava, num momento em que os institutos isolados do interior eram destruídos em termos de pluralismo, na hora em que as cassações eram violentíssimas etc, surge essa personagem nova no cenário. Zeferino Vaz. Eu gostaria de lembrar a propósito dele uma outra figura, a de Miguel Reale, que embora pouco tendo a ver com Zeferino ideologicamente, possuía uma prática universitária parecida: um tentando preservar certos valores e outro instaurando novos valores. Este respeito pelo outro só vem do respeito pela essência da universidade. Esta é uma instituição voltada para a produção, a expansão e a transmissão do conhecimento. Sem isto, não existe universidade. Você pode imaginar uma universidade maravilhosa no organograma, sem que ela funcione.

> *"A Unicamp não surgiu para retomar o modelo USP"*

JU - Ou seja, ela deve ser pluralista. E o pluralismo parece que pressupõe uma universidade sem ortodoxias ou pelo menos coexistindo com suas várias ortodoxias. Como é que você vê a Unicamp nesse sentido?

Romano - A Unicamp consegue administrar os choques das ortodoxias. Claro: em determinados momentos vêm à tona pontos de estrangulamento. Estes são muito difíceis e podem levar a um enrijecimento muito grande dos setores. Não se pode negar que existam ortodoxias dentro da Unicamp, mas elas têm sido administradas ou têm administrado a sua presença no campus. Não conhecemos, por exemplo, fenômenos de expulsão de grupos dirigentes em termos absolutos. Um ou outro professor é obrigado a sair quando entra em choque com um grupo hegemônico, e isso não é novidade em lugar algum. Nós temos casos de pessoas muito ilustres que ajudaram a formar a nossa Universidade mas entraram em choque pessoal ou grupal e precisaram deixar a Unicamp. Mas não temos o fenômeno de grupos inteiros erradicados. Não constatamos o que aconteceu na USP e nos institutos isolados do Estado, de São Paulo ou nas Federais, em que às vezes um departamento era quase totalmente cassado, expulso etc. A Unicamp consegue administrar essas diferenças. O enrijecimento maior de uma ou de outra opinião pode estrangular o diálogo e o próprio desenvolvimento da universidade. O meu conceito de universidade é este: ela deve ser apartidária, a-ideológica.

- Ainda que as pessoas sejam partidárias?

Romano - Exatamente. Mas nos campi, no exercício do saber acadêmico, na sala de aula, no laboratório de pesquisa, na biblioteca, na seleção de professores e de alunos, não podemos nos permitir o proselitismo. Mas creio que, por enquanto, nós soubemos encontrar sempre um compromisso, impedindo isso. Isto é tão verdadeiro que dentro da Unicamp nós temos essas várias ortodoxias. Tal convivência não é tranqüila, Ela é muito tensa. Mas nós temos essa variedade ideológica. Se você toma a área de humanas, por exemplo, ou um recorte no seu interior, se quisermos fazer um espectograma, veremos pessoas dos mais diversos matizes ideológicos, graças a Deus.

JU - Você acha que isso contribuiu para o fato da Unicamp, hoje, aos 25 anos, ombrear em algumas áreas com universidades centenárias de outros centros do mundo?

Romano - A Unicamp ombreia com universidades importantes do mundo e do Brasil, justo porque ela recolheu o saber produzido naquelas universidades. Ao contrário de muita gente que tem como ideal a localidade, nossa instituição já começou em plano cosmopolita. Se a Unicamp fosse a universidade municipal de Campinas ela jamais atingiria esse estatuto. A Universidade Estadual de Campinas tem um âmbito que, do ponto de vista docente e dos alunos, chega até a África, à totalidade da América do Sul, etc. Ela traz para dentro de si os saberes produzidos naqueles países, por isso ela pode se desenvolver.

> *"A universidade deve ser apartidária, a-ideológica".*

JU - Este é um ponto interessante. Você não acha que grande parte de seu prestígio se deve também ao fato de que, ao dar à ênfase à pós-graduação — cujos alunos são, em boa parte, professores em outras universidades — a Unicamp se caracteriza como uma escola de escolas?

Romano - Também. A Unicamp cumpre um papel muito positivo face às universidades federais. O aluno que recebemos, embora vendo todos os nossos problemas, defeitos etc, percebe o privilégio que concedemos à pesquisa e à docência. Quando ele volta para o campus de origem, ele quase sempre entra em choque com a sua estrutura burocratizada. A Unicamp serve como uma epécie de centro revitalizante do ideal científico. A pessoa vem de uma universidade que já está se ossificando, muito presa à graduação, por exemplo. De repente, ele encontra uma universidade onde a pesquisa é essencial, o básico. Então, quando ele volta ele sente a falta do laboratório. Nós podemos dizer que temos tantos laboratórios assim, tantas bibliotecas. Mas comparemos os nossos recursos com a maioria dos campi federais... aqui as pessoas estão acostumadas — como é o caso da área de humanas — a entrar na biblioteca e ter na mão a obra de Marx, a obra de Hegel, Spencer etc. Na medida do possível, o contato com os "clínicos" é direto. Quando voltam aos campi de origem, quase sempre encontram, nas prateleiras, os famosos manuais. Evidentemente elas pressionam para haver uma modificação. Então, penso que a Unicamp vem cumprindo um papel muito sério. Não é por acaso que os professores da Unicamp que colaboram com as universidades federais sempre são recebidos com uma expectativa muito positiva. Tenho tido essa experiência, e a maioria de meus também colegas sente esse apelo. Se nós fôssemos atender à quantidade de cursos que nos pedem para as áreas de humanas, e também em outras áreas, nós passaríamos 365 dias do ano fora da Unicamp. Esta expectativa é, pois, muito sintomática e positiva. **(E.G.)**

Estudo mostra retrocesso do trigo

Falta de estímulo à pesquisa baixa produção a níveis anteriores a 1980.

Desconhecer a história é correr o risco de cometer um erro duas vezes. Isso acontece com a política do trigo, atualmente, no Brasil. A safra de 1991 promete ser a menor dos últimos sete anos. A causa está no fim da política de incentivos fiscais e de estímulo à pesquisa na área, fatores que chegaram a colocar a produção do trigo em patamares próximos da auto-suficiência no início dos anos 80. A segunda crise do petróleo, nesse período, obrigou o Brasil a olhar com maior seriedade o problema do trigo. Resultado: a produção nacional chegou a cobrir, durante um certo tempo, 80% de todo o trigo consumido no país.

O desabastecimento se dá justamente quando uma tese defendida na Unicamp aponta as causas do *boom* ocorrido entre 1984 e 87. "Eu tento mostrar como os agentes sociais e econômicos determinam a importância de se produzir trigo no Brasil", afirma a engenheira agrônoma Isabel Teresa Gama Alves. Sua tese de mestrado, "Aspectos de evolução da produção e da pesquisa em trigo no Brasil", apresentada junto ao Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, aponta os caminhos para a auto-suficiência.

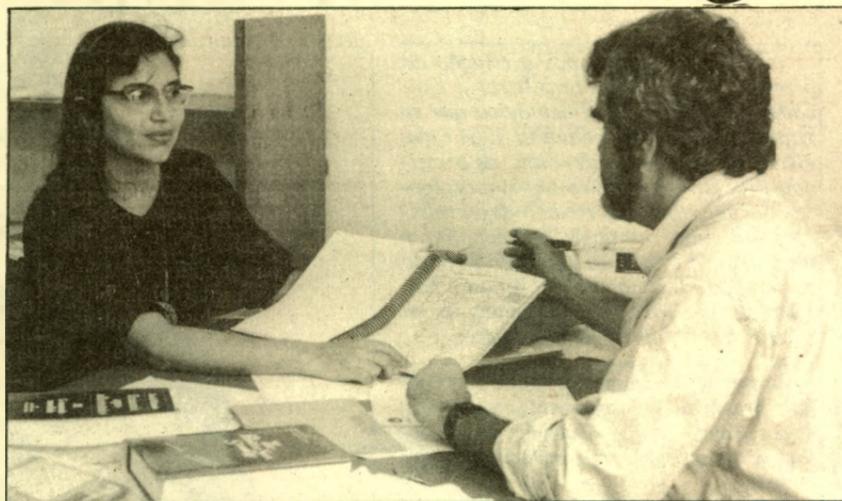
Para chegar ao centro da questão, a pesquisadora do Centro Nacional de Pesquisa Tecnológica Agroindustrial de Alimentos (CTAA) do Rio de Janeiro, unidade da Embrapa, remexeu arquivos, procurando recuperar a história do trigo no Brasil. Sua análise histórica, orientada pelos professores Amílcar Herrera e Rui Albuquerque, ambos do IG, remonta a 1937, quando a problemática já era sentida. E se estende até 87, quando o cenário parecia definido rumo à auto-suficiência. Isabel mostra que uma política protecionista pode reverter uma situação desfavorável e estabelecer boas condições de produção interna do trigo, um cereal que, no Brasil, encontra condições climáticas e de solo adversas.

Buscar novas variedades de sementes, próprias para o clima tropical, foi uma saída acertada. Para isso colaborou a criação da Embrapa, no início dos anos 70. O resultado apareceu com uma mudança substancial no quadro, até então crítico. Ele se desenha a partir da segunda crise do petróleo, no início dos anos 70. Até então, 80% do trigo usado para pães e massas vinha do exterior. A descoberta veio de novas variedades de sementes, principalmente resultado do cruzamento com linhagens mexicanas.

As sementes desenvolvidas pelos institutos de pesquisa no Brasil traziam um ponto positivo. Havia muitas variedades distintas, que levavam em conta a diferenciação do solo brasileiro. Com o leque de opções oferecido, aliado a outros incentivos, os celeiros até então vazios de produção própria encheram-se e o Brasil rapidamente passou da condição de importador — produzia apenas 20% do que consumia — para produtor de 80% de suas necessidades. Todo esse trigo vinha de estados como Paraná — o maior produtor —, Rio Grande do Sul e São Paulo.

"Historicamente o trigo tem papel de seguridade alimentar", afirma Isabel. Pesquisa e estoques devem andar juntos. Há exemplos clássicos disso. O mais recente é do Iraque, que antes de invadir o Kwait e se ver diante de uma guerra em larga escala, tratou de realizar grandes compras de trigo, principalmente dos Estados Unidos, um dos maiores produtores mundiais. Assim também os países da Europa, que se preocupam em obter internamente o produto que precisam para sustentar a população e tratam o problema como questão de segurança nacional.

A pesquisa de Isabel não termina com o problema do trigo no Brasil. Ela acaba de iniciar o seu doutoramento na Universidade de Pierre Mendes France, em Grebnoble, na França, através de um convênio entre aquela universidade e o Departamento de Política Científica e Tecnológica do IG. Nos quatro anos que deverá permanecer na França, Isabel pretende conhecer a fundo o Mercado Comum Europeu, em especial as políticas adotadas em relação ao trigo.

No Brasil, onde a realidade é bem diferente da européia, só foi possível chegar a safras animadoras do produto quando houve incentivos e pesquisa. A atual queda de produção coincide com a interrupção de ambas as políticas. Com isso, o pão nosso de cada dia não chega mais com tanta facilidade à mesa do brasileiro, como em outras épocas. E o trigo nacional voltou a ser substituído — como em outros tempos — pelo importado, a esta altura bem mais barato. **(R.C.)**

Isabel e Albuquerque: o trigo como fator de seguridade alimentar.

Mestrando encontra urna de 84 anos

Mensagem ao futuro havia sido colocada sob a soleira de um asilo em Amparo.

O historiador Roberto Pastana Teixeira Lima nunca imaginou que durante seu trabalho de campo sobre a história do município paulista de Amparo fosse deparar com um fato que o remeteria a um passado futurista. Algo que, guardadas as proporções, poderia compor uma cena do filme *De volta para o futuro*, de Steven Spielberg. Ao folhear a edição de 1º de janeiro de 1907 do jornal *Commércio do Amparo*, Roberto viu-se diante de um artigo que anunciava a colocação, sob a soleira da porta principal do Asilo de Mendigos em construção, de uma urna com alguns objetos assim endereçados: "Aos pósteros". Retirada a urna, 84 anos depois, a surpresa: todos os objetos nela depositados estavam intactos — resgatavam-se naquele momento alguns aspectos da história da cidade que um dia recebeu a visita do imperador Pedro II.

Esse acidente de percurso, ocorreu durante a coleta de dados para o trabalho de dissertação de mestrado intitulado "Transformação urbana: inventário, análise, interpretação de um *corpus* específico da arquitetura paulista, o município de Amparo até a crise de 1929". Em desenvolvimento no Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e sob a orientação do professor Jorge Coli, a pesquisa revela claramente a preocupação dos antigos moradores da cidade em remeter para o futuro algumas mensagens endereçadas a interlocutores que jamais conheceriam. E assim ocorreu. Nenhum dos remetentes se encontra vivo.

Viagem à lua

Entre os objetos encontrados, o que mais chamou a atenção do mestrando da Unicamp foi um cartaz do Teatro João Caetano anunciando a apresentação do filme *Viagem à lua: sonho de um bêbado*, de Georges Milis. Trata-se da história de John Wiskey, um alcoólatra que chega em casa e começa a escalar as paredes até atingir a estrutura da chaminé, que se transforma num foguete e o transporta até a lua, através do olho do planeta. Curiosamente o cartaz sugere uma viagem no tempo, a exemplo da que Roberto realizou ao encontrar a urna.

Além do cartaz, Roberto encontrou moedas de 20, 40, 100 e 200 réis, um exemplar de cada jornal da cidade, *Commercio do Amparo, Comarca do Amparo* e *O Porvir*, uma pena metálica, um conjunto de seis pregos, uma caixa de fósforos, um maço de cigarros, uma ata da solenidade assinada pelos diretores do "asylo", um lápis, uma caneta de pau com receptáculo metálico e um tinteiro seco. Encontrou ainda vários cartões de apresentação e cartões de boas-festas, todos pertencentes a famílias ilustres da época — a maioria proprietária de fazendas de café instaladas nos arredores de Amparo.

Martelo e talhadeira

A urna de mármore branco, medindo 20 centímetros de comprimento, foi depositada sob a porta principal do "Asylo de Mendigos" — hoje Lar dos Velhos de Amparo — no primeiro dia do ano de 1907, data em que se celebrava a instalação da pedra fundamental do edifício." Um dado curioso: a pedra foi lançada dois anos após o início das obras. O motivo é desconhecido. Ninguém sabe o paradeiro da primeira ata de instalação do asilo — provavelmente o documento que poderia explicar o fato.

Quando soube da existência da urna, dia 3 de junho deste ano, Roberto não se conteve. Imediatamente entrou em contato com os diretores do asilo solicitando autorização para a retirada do objeto. No dia seguinte ele trocava o teclado macio de seu microcomputador por um martelo e uma talhadeira. Valeu a pena o esforço. "Fiquei muito emocionado quando abri a caixa e vi que todo o material estava em perfeito estado de conservação", diz.

O pesquisador da Unicamp reconhece que ao retirar a urna acabou bloqueando um processo que poderia durar séculos. Mas ele não se culpa por isso: "Acredito ter salvo um material que poderia se deteriorar com o tempo". Entretanto, para não "frustrar" totalmente as pessoas que enviaram suas mensagens para um futuro longínquo, Roberto apresenta uma sugestão: que sejam feitas réplicas do material encontrado e nova urna seja depositada no mesmo local.

A diretoria do Lar dos Velhos está avaliando também a possibilidade de levantar recursos para a entidade através de pessoas que queiram enviar suas mensagens para o futuro.

"Refletir sobre o achado, num primeiro momento, significa tentar compreender um pouco da história das mentalidades do século XIX", diz Roberto. Segundo ele, a arqueologia já exercia grande fascínio sobre a humanidade. E em Amparo o quadro não era diferente. Prova disso é a existência de outras urnas enterradas pela cidade. Uma delas, datada de 1875, continha apenas manuscritos. Porém a vedação inadequada não permitiu que o material fosse aproveitado.

Há ainda uma terceira, provavelmente enterrada sob um obelisco há muito tempo construído na cidade. "Se eu partir em busca de todas as urnas enterradas na cidade sou obrigado a abandonar meu projeto de mestrado", afirma. Contudo, o historiador da arte tem certeza de que o material enterrado pelos quatro cantos da cidade darão margem a muitas pesquisas científicas. Esses achados, segundo ele, revelam o perfil sócio-econômico-cultural da época. A urna encontrada no Lar dos Velhos pode ser vista no Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos, em Amparo.

A pesquisa

A urna, entretanto, consiste em um elemento a mais no trabalho de dissertação de mestrado em história da arte. Integrante da turma de 89, Roberto se propõe a mostrar como se deu o desenvolvimento urbano da cidade de Amparo bem como as transformações arquitetônicas registradas até 1929. Para levantar essas informações Roberto vem investigando plantas do município, desde 1878 até 1929, quando se registrou a crise do café.

Através de fotos e documentação cartorial o historiador certificou-se, por exemplo, de que acentuou-se muito em Amparo a influência da arquitetura de tradição clássica a partir de 1870. O trabalho a ser desenvolvido é bastante extenso. Debruçado 24 horas por dia sobre vasta bibliografia e outros dados históricos, Roberto espera concluir sua dissertação de mestrado no primeiro semestre do próximo ano — isto é, se nenhuma arca surgir no meio de seu caminho. **(A.C.)**

Roberto e um cartaz do Teatro João Caetano encontrado na urna.

Unicamp faz projeto "Cápsula do Tempo"

Com inspiração na urna encontrada em Amparo, e para celebrar a passagem dos 25 anos da Universidade, a comunidade de alunos, professores e funcionários da Unicamp também enviará sua "mensagem aos pósteros", mais exatamente os do ano 2066, quando a instituição estará comemorando seu Centenário. No dia 5 de outubro próximo, uma urna será incrustada e lacrada em sua Biblioteca Central, contendo, além de mensagens escritas, um filme com imagens do cotidiano do campus em 1991.

O projeto está sendo tocado pelo Serviço de Apoio ao Estudante, pelo Diretório Central de Estudantes, pela Associação de Docentes, pelo Centro de Comunicação, pela Assessoria de Imprensa e pela própria Biblioteca Central. A idéia tem o apoio da Reitoria.

Um cartazete está sendo distribuído pelo campus com a seguinte mensagem: "Como será a Unicamp daqui a 75 anos? Escreva um recado a seus companheiros do futuro. Diga o que você acha que eles gostariam de saber. Sobre o presente. Sobre o futuro. Sobre você mesmo e suas expectativas. Seus sonhos. Suas imaginações". As mensagens estão sendo recolhidas nas secretarias dos próprios setores que idealizaram o projeto. **(E.G.)**

Grafites de São Paulo já têm seu intérprete

Antropólogo mostra trajetória dos grafiteiros paulistanos.

Il est interdit d'interdire. L'imagination au pouvoir. La culture est en miettes.

No maio de 68 francês, marcado entre outros fatos pela greve de nove milhões de trabalhadores e pela revolta estudantil contra a estrutura de ensino, frases como "É proibido proibir", "A imaginação no poder" ou "A cultura está em pedaços" representavam não apenas a contestação popular espalhada pelos muros como a própria voz rebelde da Universidade de Sorbonne: o grafite começava a se tornar um fenômeno contemporâneo de massa. Na década seguinte, foi a vez do metrô novaiorquino ser o palco predileto dos grafiteiros. Jovens de etnia negra ou latino-americana fizeram surgir uma nova forma de inscrição conhecida como *tag* — uma alusão à etiqueta colada em bagagens, pois era uma espécie de assinatura que associava o nome do grafiteiro ao número da rua ou avenida onde ele morava. A vitalidade e a mutação dessas marcas coloridas em espaços urbanos se universalizaram e fizeram de São Paulo a capital do grafite nos anos 80.

Paris, Nova York e São Paulo formam as pontas de um triângulo no mapeamento dos principais locais desse fenômeno contemporâneo, sem deixar de lado Berlim, que durante décadas sediou o grande painel do grafite ocidental — o famoso muro derrubado em 1990. Esses dados são apontados pelo antropólogo urbano Nelson Eugênio da Silveira Júnior em sua tese de mestrado "Superfícies alteradas: uma cartografia dos grafites na cidade de São Paulo", apresentada em agosto último no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. A atração pelas histórias em quadrinhos e seus personagens tão comuns nos grafites levaram o pesquisador a abandonar em 1982 o curso de engenharia mecânica na Universidade de Brasília (UnB) e a ingressar no ano seguinte em ciências sociais na Unicamp, onde desenvolveu então dois outros trabalhos sobre o grafite — que etimologicamente designa tanto um instrumento para gravar em placas de cera, como o próprio ato de escrever ou desenhar.

Interferência inesperada

As pinturas rupestres descobertas em cavernas da era paleolítica representam, segundo Nelson Eugênio, a pré-história do grafite. Na trajetória estão os escritos e desenhos de civilizações antigas como a egípcia, a grega e a romana. Modernamente, o grafite descobriu todos os espaços possíveis na cidade contemporânea, desde a superfície chapada dos muros ao cume dos edifícios, do parapeito das pontes às pedras de beira de estrada. Em São Paulo a mais intrigante e popular inscrição rodoviária foi "Cão fila km 26", por volta do final dos anos 70. Aos poucos reproduzida pelo Estado, tornou-se uma espécie de ícone, até se descobrir que era uma frase mercadológica, o anúncio comercial de uma nova espécie de cão.

Em sua pesquisa, Nelson Eugênio aponta que a distinção teórica entre grafite e pichação ocorreu após a vinda do etíope Alex Vallauri para o Brasil. Ele introduziu os desenhos sobre os muros com a utilização de máscaras, denominados grafites figurativos, enquanto os rabiscos e qualquer traço ou marca denotando sujeira ou vandalismo tornava-se pichação. A divisão aconteceu com a valorização, pela mídia, desse tipo de trabalho e seu acesso a bienais de arte a partir de 1983. Dois anos mais tarde, alguns grafiteiros deixaram as ruas e assumiram sua condição de artistas plásticos. Trabalhos de Vallauri, Rui Amaral e John Howard — considerado o mais velho grafiteiro de São Paulo, hoje com 50 anos e ainda pintando nas ruas — ganharam prestígio e fama. Não obstante, alguns pichadores também se destacaram.

Nômades à deriva

O antropólogo urbano e também repórter do jornal *Folha de S. Paulo* explica que o seu objetivo com a pesquisa sobre as superfícies alteradas pela grafitagem foi tentar seguir esse fenômeno na capital do grafite dos anos 80, no Brasil. "Não houve outra cidade no mundo com tantas manifestações, como se observou em São Paulo", afirma ele. Os bairros mais grafitados são Pinheiros e Vila Madalena, além da Praça Roosevelt e do túnel da avenida Paulista. Os locais escolhidos são sempre de grande movimentação, segundo Nelson Eugênio, para quem os grafiteiros são "nômades à deriva": é importante para eles seguir o fluxo do trânsito.

"Qualquer um pode ser grafiteiro, seja artista plástico ou *office-boy*", diz Nelson. O grafite é fugaz: pode ser apagado pelo dono do muro, por exemplo, ou então se deteriorar com a ação do tempo. Geralmente são usadas máscaras de cartolina, tinta latex branco com corante, pincéis ou tubos de spray. Entre as imagens coloridas nas superfícies mais variadas resultam outros efeitos na paisagem urbana, conforme a percepção do pesquisador. Os grafiteiros formam redes de sociabilidade, com ligações quase sempre frágeis, com os grupos estruturando-se e desfazendo-se à medida em que driblam os perigos das ruas. Nelson Eugênio observa ainda que, "quando se pensa que um fenômeno aberto, nômade, mutante está acabando, surge outro fenômeno". Por exemplo: os grafites figurativos estão se diluindo para um misto de pichação e grafite, como as letras na avenida Sumaré, que fazem lembrar os *tags* dos norte-americanos.

Nelson diante de grafites figurativos: antropólogo da arte das ruas.

A estética atual aponta para uma espécie de estilo neobarroco, enquanto categoria transitória. Orientado inicialmente pelo antropólogo Nestor Perlongher e, no final da pesquisa, pela coordenadora de artes corporais Regina Aparecida Muller, do Instituto de Artes (IA), Nelson Eugênio acompanhou os grafiteiros entre junho de 1989 e março de 1990. Nos últimos meses gravou um vídeo a respeito. **(C.P.)**

Amazônia, da ecologia à geopolítica

Pesquisador quer maior debate em torno da ocupação da região.

O governo brasileiro tem, formulado, uma política de ocupação territorial para a Amazônia que, busca em primeiro plano a segurança de suas fronteiras com sete países sul-americanos: Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Entretanto, apesar dos esforços de natureza estratégico-militar e diplomáticos para a preservação da área, falta unanimidade a essa política, elaborada sem consulta prévia aos fóruns adequados e representativos da sociedade brasileira. Essa é a opinião de Shiguenoli Miyamoto, professor de Ciência Política e de Relações Internacionais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, que já publicou vários artigos sobre o assunto e desenvolve atualmente um projeto denominado "Geopolítica amazônica: a política brasileira de ocupação do espaço amazônico".

Embora reconheça a necessidade e a importância de programas para a região, como o Tratado de Cooperação Amazônica elaborado pelo Itamaraty, e o Calha Norte, feito sigilosamente e implantado às pressas pelas Forças Armadas, o pesquisador da Unicamp atribui os erros e o atraso na implementação desses projetos à ausência de transparência. "A geopolítica amazônica, como quaisquer outras políticas públicas, deve ser formulada a partir de debates e de amplas consultas à sociedade através do Congresso Nacional, dos centros de pesquisa, dos sindicatos e das universidades que se propunham a tratar o assunto sistemática e objetivamente", diz.

Amazônia: 60 milhões de toneladas de carbono armazenadas em sua biomassa.

Shiguenoli: por uma geopolítica amazônica.

Projetos inviáveis

O modelo de ocupação da floresta Amazônica imposto pelo governo brasileiro há quase trinta anos não cumpriu até agora suas propostas básicas: ocupar o território ordenadamente, fixar a população, explorar a área de forma consciente e garantir a soberania nacional. É a conclusão a que chegaram as pesquisas realizadas, nos últimos anos, por diferentes órgãos do país.

Dados do Instituto de Planejamento e Economia Aplicada (Ipea), por exemplo, mostram que apenas 15% dos 766 projetos agropecuários com incentivos fiscais aprovados desde 1966 foram implementados na região. Desse total, 73% estão em fase de implantação — alguns há mais de vinte anos —, 8% foram cancelados e 4% sequer começaram. O Ipea estudou 92 desses planos, classificando apenas três como viáveis do ponto de vista econômico.

A ocupação da Amazônia, aponta, naturalmente, para uma impiedosa devastação da floresta: números do Banco Mundial indicam um desmatamento crescente, de 28 mil quilômetros quadrados em 1977, 77 mil em 78, 125 mil em 80 e 598 mil em 1988, ou seja, 12% da Amazônia legal.

Desde o início da construção da rodovia Transamazônica, em 1970, ao assassinato do líder seringalista Chico Mendes em 1988 — marcos da história de colonização e exploração da Amazônia —, mais de US$ 10 bilhões foram canalizados para a região, em incentivos fiscais e financiamentos de programas voltados principalmente para a questão ambiental. Hoje a experiência mostra que a Amazônia não tem vocação para a agropecuária nos termos da tecnologia atual. Pesquisas realizadas na região indicam que o extrativismo é 15 vezes mais rentável que a pecuária e cinco vezes mais que a agricultura.

Geopolítica

A crise do petróleo e a possibilidade de aquisição desses produtos nos países amazônicos, além da necessidade de incrementar as vendas de manufaturados a esses vizinhos, levou o Estado brasileiro a agir nos planos diplomático e militar. "Também a atuação continental do governo brasileiro nos anos da ditadura militar suscitou desconfianças agudas, na verdade infundadas, por parte dos países latino-americanos, que passaram a ver propensões hegemônicas no Brasil, de resto o aliado preferencial dos Estados Unidos", observa Shiguenoli.

Para desfazer essa imagem negativa, o Itamaraty propôs em março de 1977 o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA), só firmado em julho de 1978 e cujo objetivo era promover o desenvolvimento regional, garantindo igualdade jurídica e soberania aos Estados, reduzindo, conseqüentemente, os receios de hegemonias. Além disso, propunha a defesa da ecologia e da premissa de que a Amazônia pertence aos países que a compõem, refutando qualquer tentativa de ingerência externa nesta parte do mundo.

Calha Norte

Os resultados do TCA, no entanto, não foram animadores e, na segunda reunião do Tratado, em 1983, seus participantes lamentavam a escassez de recursos, o esmorecimento do ânimo cooperativo, as dificuldades sociais e as seqüelas internas e externas que dificultavam o processo de institucionalização do Tratado.

Como a região estava também desguarnecida militarmente em sua extensa fronteira terrestre, tornou-se, na visão geopolítica, vulnerável para eventuais divergências. Nesse contexto surgiu em 1985 o Projeto Calha Norte (PCN), ou seja, a ocupação do território nacional ao longo das fronteiras com os países da bacia Amazônica. Conforme descreve Shiguenoli, "enquanto o TCA se inseria no quadro da Amazônia, entendida como uma unidade geopolítica global e pensada a nível diplomático, o Projeto Calha Norte significava a viabilização deste Tratado, ampliando-o ainda mais.

Segundo o pesquisador, ao pensar o Projeto Calha Norte, o Estado brasileiro se preocupava principalmente com a internacionalização da Amazônia e com a ameaça de criação de um Estado autônomo Yanomani. "Apesar de todos esses zelos, os governantes brasileiros sempre se mostraram dúbios: ao mesmo tempo em que teoricamente se posicionaram contrários à internacionalização da Amazônia, em termos práticos contradiziam o discurso, autorizando extensas faixas em mãos estrangeiras, inclusive favorecendo com incentivos fiscais o desenvolvimento de duvidosos projetos agropecuários por empresas sem qualquer tradição no setor a que se propunham", afirma.

Embora defenda a descentralização das decisões geopolíticas para a Amazônia — atualmente formuladas pela Secretaria de Assuntos Estratégicos, subordinada à presidência da República —, o pesquisador considera "inadmissível que as políticas públicas nacionais, mesmo aquelas restritas à preservação ecológica da Amazônia, sejam submetidas a um foro internacional, daí resultando decisões como se não existissem os países em torno da Linha do Equador".

Em seu projeto de pesquisa, Shiguenoli abordará também a questão da dívida externa e do meio ambiente. Nesta primeira etapa — reservada para o enfoque diplomático e estratégico-militar —, ele conclui que são infundadas as críticas de que o Brasil tem uma política governamental pautada no expansionismo. "O objetivo do Estado é a ocupação econômica, cultural e política nessas áreas de fronteiras", resume. **(L.C.V.)**

O mundo amazônico

Com cerca de cinco milhões de quilômetros quadrados, distribuídos pelos territórios do Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa, a Amazônia abriga o maior banco genético do mundo. Sua fauna e sua flora, riquíssimas, são o desafio de biólogos e especialistas de todo o planeta. Há estimativas de que existam cerca de 30 milhões de tipos de insetos na Amazônia e um milhão de espécies entre animais e vegetais, das quais se conhecem apenas 10%.

O rio Amazonas conta com mais de 1.000 afluentes em seus 6.577 quilômetros de extensão. Ele nasce a cinco mil metros de altitude, na cordilheira dos Andes, no Peru, sendo o responsável por 18% da água doce que desemboca no oceano, transformando-se na maior bacia hidrográfica do mundo. A região armazena cerca de 60 bilhões de toneladas de carbono em sua biomassa, o que representa 8,5% dos 700 bilhões de toneladas contidas na atmosfera do planeta. **(L.C.V.)**

Sensores otimizam pesquisas no IG

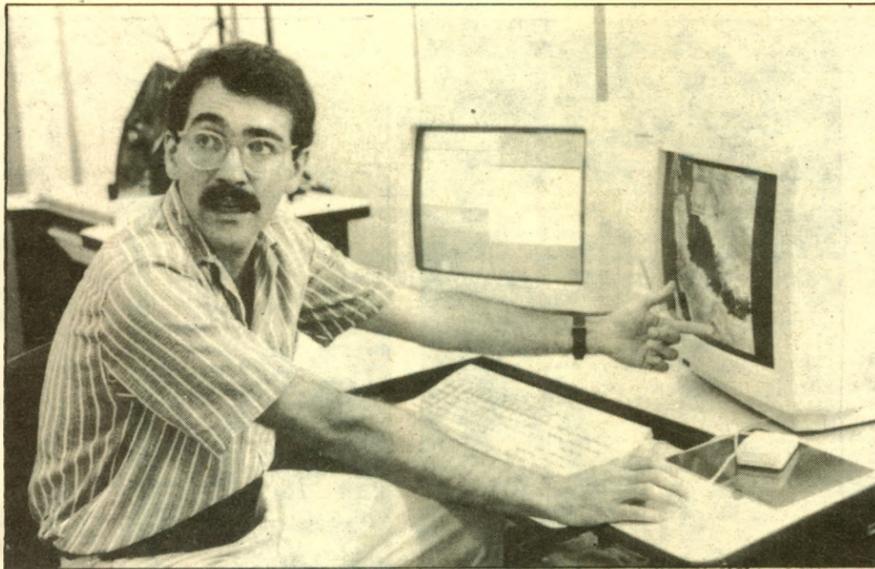
Geociências ganham nova perspectiva com equipamentos para sensoriamento remoto.

Sofisticados aparelhos de diagnóstico médico ganham um novo aliado, capaz de auxiliar na elaboração de mapas geológicos ou no descobrimento de jazidas minerais e de petróleo. Esse pode ainda facilitar previsões de safras agrícolas e até mesmo digitalizar e processar as imagens de milimétricas lâminas de rochas. Instalado no Instituto de Geociências (IG) da Unicamp, o novo aliado pertence à família das estações gráficas e é o único conjunto de equipamentos da América Latina com capacidade de processamento de imagens de grande volume.

Avaliado em US$ 500 mil, foi obtido com recursos do convênio entre a Universidade e o Eximbank. Esse investimento inicial para o Laboratório de Processamento de Informações Georeferenciadas engloba ainda outros US$ 60 mil, via Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), para os periféricos que completam a montagem do Sistema Geográfico de Informações (SGI) do laboratório, coordenado pelo geólogo Alvaro Penteado Crósta.

A princípio destinado a aplicações em sensoriamento remoto — como mapeamento geológico, exploração de minerais e de petróleo ou para a integração de informações geológicas —, o conjunto de equipamentos pode realçar as imagens de um exame por ressonância magnética, auxiliando o médico na interpretação de anomalias. O mesmo pode ser feito com ultra-sonografias, radiografias ou imagens microscópicas.

O sensoriamento remoto também envolve o processamento de imagens astronômicas, meteorológicas ou ainda a elaboração da cartografia de uma cidade, no sentido de otimizar o gerenciamento de redes de serviços como vias públicas, água, esgoto ou eletricidade, bem como a expansão das áreas urbanas, o uso e a ocupação do solo, por exemplo.

Geólogo pela Universidade de São Paulo (USP), Crósta — que fez seu mestrado no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos, e doutorado pela Universidade de Londres na área de sensoriamento remoto — está otimista com a gama de aplicações do conjunto de equipamentos recentemente instalado no IG.

Crósta e equipamento: imagens de satélite e mapas geológicos.

Traduzindo as informações

O pesquisador explica que sensoriamento remoto é a aquisição de informações sem contato direto com o objeto de estudo. Assim, fotos aéreas ou imagens obtidas por satélites constituem o principal recurso das pesquisas geológicas, entre outras, que agora podem ser mais detalhadas em função da capacidade dos equipamentos do laboratório.

Por exemplo: uma imagem satélite tem 256 níveis em cinza, variando entre o branco e o preto, dos quais o olho humano só consegue perceber 40 níveis — esses estão contidos em bandas que são os intervalos de comprimentos de ondas, localizados ao longo do espectro eletromagnético, nos quais o sensor a bordo do satélite registra as imagens.

Enquanto o olho humano percebe apenas a radiação visível do espectro eletromagnético — como o verde da vegetação — o sensor amplia essa capacidade muito além da porção visível, principamente na faixa de infra-vermelho. O sistema de processamento de imagens do IG traduz essa mesma informação, porém de forma perceptível ao olho e ao cérebro humanos.

Movimentos coloridos

Fabricado pela *International Imaging Systems* (I^2S) da Califórnia, Estados Unidos, o equipamento é composto pelo computador SUN 4/470, processador gráfico IVAS, monitor colorido de alta resolução, unidade de digitalização Eikonix e gravador Matrix para filme de 35 milímetros. Na tela, o resultado tanto pode lembrar cenas de filmes de ficção científica, como parecer "uma mágica colorida", diz o pesquisador.

O computador SUN 4/470 é que tem a função de processar as matrizes numéricas compostas por milhões de pequenos pontos denominados *pixel* — o menor elemento que compõe a imagem. O satélite Landsat, segundo Crósta, tem o limite de captar *pixels* de dimensões de 30 X 30 metros no terreno e cujos detalhes podem ser melhor visualizados através do equipamento. O processador gráfico IVAS, por sua vez, traduz as matrizes já numericamente processadas na forma de uma imagem, que é exibida num monitor colorido de alta resolução.

As panquecas de Vênus

Com as funções disponíveis no software do sistema é possível realçar qualquer tipo de imagem, colorida ou monocromática. Crósta cita a imagem de radar obtida recentemente pela missão espacial Magellan a Vênus, na qual o processamento digital realizado pela Nasa revelou feições geomorfológicas na superfície daquele planeta. "Essas feições assemelham-se a 'panquecas', com 25 quilômetros de diâmetro, e representam extrusão de magma extremamente viscoso que posteriormente solidificou-se, formando as curiosas feições achatadas".

Numa imagem sem processamento esse aspecto peculiar dificilmente seria captado, diz o pesquisador. Outro componente do laboratório, a unidade de digitalização Eikonix, transforma imagens analógicas em digitais: é o caso de um exame de ultra-sonografia, raio-X ou de lâminas de tecidos vivos como de plantas e ainda lâminas de rochas.

As imagens de satélite trabalhadas em pesquisas do Laboratório de Processamento de Informações Georeferenciadas do IG são fornecidas, em fitas magnéticas ou em cartuchos, pelo Inpe. O rolo da fita comporta 30 milhões de pontos ou *pixels* (30 megabytes), enquanto o cartucho tem a capacidade de armazenar o equivalente a cinco fitas (150 megabytes).

"Esse material, após ter sido processado digitalmente, pode ser registrado em fotografia" através do gravador Matrix que comporta um filme de 35 milímetros. Ou seja, o usuário do conjunto de equipamentos tem o resultado final ou das fases de seu trabalho fotografados também em cores para interpretação final.

SIG

Completam o laboratório a estação de trabalho SUN SPARCStation 1^+, o software Grass desenvolvido pelo corpo de engenheiros do exército norte-americano, além da mesa digitalizadora e plotter eletrostático colorido Versatec, tamanho A-O. De acordo com o geólogo, esse conjunto forma o Sistema de Informações Geográficas (SIG), "no qual todos os tipos de informações que possuam uma base georeferenciada — isto é, que tenham uma localização espacial definida por coordenadas geográficas — podem ser manipulados, processados e combinados", relata Crósta.

As principais fontes de informações para o SIG, explica o pesquisador, são as imagens de satélite, os mapas temáticos (geologia, solo ou vegetação, entre outros), mapas altimétricos, de drenagens, de vias públicas e de linhas de serviços (eletricidade, redes de água e esgoto). "O IG vem utilizando o SIG na integração de dados geológicos e de exploração mineral, bem como na modelagem metalogenética. Essa tecnologia pode, contudo, ser usada em uma enorme gama de aplicações, tais como no gerenciamento e planejamento de áreas urbanas ou produção agrícola", relata o pesquisador. **(C.P.)**

Feagri revoluciona sistema de drenagem

Excesso de água em gramados pode ser drenado em 15 minutos.

Se a formação de poças não representa um transtorno sério em áreas de lazer e jardins, o excesso de água num gramado de campo esportivo se constitui em grave problema. A drenagem só é lembrada no momento em que é suspensa uma partida por falta de condições de jogo, preservando-se a segurança dos atletas, mas aborrecendo o público. Foi pensando nisto que o professor Luiz Antonio Seraphim, da Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, desenvolveu um sistema de drenagem que retira o excesso de água num tempo recorde de 15 minutos.

Tal sistema utiliza uma fibra de poliéster denominada Bidim (de bidimensional), hoje muito utilizada na construção de sistemas de drenagem nas margens de rodovias e em outros locais. Na verdade, explica o professor, o Bidim já era utilizado em sistemas de drenagem de campos esportivos, só que estendido na posição horizontal, como se fosse um cobertor, no interior ou não de valetas. "O que inicialmente fiz foi mudar a estratégia, aplicando o Bidim na posição vertical", explica.

A drenagem vertical feita com o Bidim é extremamente eficiente e de utilização muito simples. Para se ter uma idéia, não são necessários técnicos especializados para sua colocação. Assim, por exemplo, qualquer funcionário de um estádio ou do clube pode fazer o serviço.

Entretanto, algumas regras devem ser observadas para a perfeita colocação do Bidim. Inicialmente são feitos pequenos orifícios no solo com ajuda de um tubo de PVC, até se atingir a última camada do sistema de drenagem horizontal eventualmente existente. No interior desses orifícios são colocados os rolos de Bidim, que têm cinco centímetros de diâmetro e comprimento igual ao do solo utilizado para o crescimento da grama.

Seraphim demonstra sua técnica no estádio Centenário de Montevidéu.

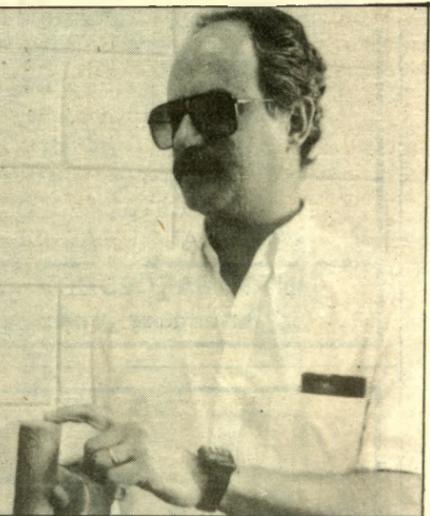
Seraphim: vantagens da drenagem vertical.

Os estudos sobre o assunto, segundo Seraphim, começaram em 1979, quando ele estava desenvolvendo sua tese de doutorado da Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, anteriormente à transferência do curso de Limeira para Campinas. Na época, com o apoio da Rhodia (produtora do Bidim), foram feitos vários testes em quatro tanques de 2m X 1m, especialmente preparados para testar a eficiência do geotêxtil no sistema vertical, de acordo com o índice pluviométrico de cada região onde estivessem localizados os gramados. Para isso foram instalados sistemas de irrigação em torno dos tanques, que Seraphim manipulava de acordo com a quantidade de água desejada.

Estádio Centenário

Mas, por motivos internos, a Rhodia não promoveu os resultados das experiências em 1982, quando Seraphim havia terminado a tese. Mais recentemente, contudo, ele vem conseguindo uma maior divulgação de seu trabalho, a ponto de ser convidado pela administração do célebre Estádio Centenário - palco da primeira Copa Mundial de Futebol em 1930 - a viajar a Montevidéu para lhe prestar assistência técnica.

Para a recuperação do gramado do Centenário, a filial da Rhodia no Uruguai forneceu, a título de experiência, 1.270 metros quadrados de Bidim. A custos de hoje, essa metragem ficaria em torno de Cr$ 1,2 milhão, mas nada custou à administração do estádio. Seja como for, segundo cálculos de Seraphim, basta a renda de um jogo médio do campeonato paulista de futebol para pagar uma reforma considerável e ainda sobra dinheiro.

Ele explicou também que a quantidade de Bidim fornecida pela Rhodia foi colocada apenas nas laterais do campo, onde o problema de alagamento era mais intenso. Para se aplicar o sistema em todo o campo, seriam necessários 3.800 metros quadrados de Bidim. Mas o custo não aumentaria muito, explica Seraphim: ficaria por volta de Cr$ 3 milhões, utilizando-se dois rolos de Bidim por metro quadrado, num total de 14 mil rolos. "Em um mês, com três ou quatro funcionários, o serviço ficaria pronto", enfatiza.

Seraphim explicou também que com o tempo o Bidim é envolvido pelas raízes da grama, tornando a drenagem ainda mais eficiente. O envolvimento do Bidim pelas raízes não causa problemas, pois sua durabilidade é ilimitada. "Mas, se por um acaso houver qualquer problema com os rolos, é só trocar sem precisar mexer no campo todo", esclarece.

A Rhodia vem distribuindo um manual técnico a empresas de engenharia e profissionais da área interessados no processo. Segundo Seraphim, que não gosta de ver seu time, o São Paulo, se apertando por causa da chuva, os resultados obtidos recomendam fortemente a adoção do novo sistema de drenagem. "Será o fim do futebol aquático", brinca. **(E.L.)**

Gil Gomes vira assunto de tese

Conclusão: crônica do crime não gera violência.

"Programa policial não aumenta a violência". Para colher depoimentos dos ouvintes de um dos mais populares programas policiais radiofônicos, uma jovem de Monte Santo de Minas periodicamente se deslocava do campus universitário e visitava a portaria de uma rádio na capital paulista. Lá permanecia horas. Entre tanta gente e tantos fatos, certa vez ficou impressionada ao conversar com uma ouvinte de Guarulhos que foi até o local apenas para buscar um chaveiro que ganhara num concurso. A mineira é a antropóloga Maria Tereza Paulino da Costa, que em 1986 iniciava a sua pesquisa para a tese de mestrado "A justiça em ondas médias: o Programa Gil Gomes". Desde então o rádio e a televisão passaram a ser a companhia obrigatória dessa pesquisadora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, que agora dá prosseguimento a seu trabalho com um doutoramento em cultura e política.

Na época, muita gente achava que programas como o de Gil Gomes ou Afanásio Jazadji, e ainda de Serginho Oba-Oba — radialista de Piracicaba, assassinado naquele ano —, estariam contribuindo para aumentar o índice de criminalidade urbana, na medida em que narravam crimes e fatos violentos. Pelas ondas do rádio, entretanto, Gastão do Rego Monteiro, na década de 50, e Beija-Flor, nos anos 70, apresentavam o mesmo estilo de programa. Assim também o radialista Cadeia, de Londrina (Paraná), até hoje mostra casos dramáticos seja pelo rádio como pela televisão, que nessa mesma linha tornou Jacinto Figueira Junior mais conhecido como "O homem do sapato branco", nos idos 60.

O argumento principal de segmentos mais conservadores, há cinco anos, era o de que através da narração dos casos envolvendo policiais a população começaria a fazer justiça com as próprias mãos, relata a antropóloga. Entre os vários programas radiofônicos Maria Tereza optou pelo de Gil Gomes, que desde 1968 trabalha como radialista. Essa escolha não se limitou ao fato dele ter passado por rádios de maior audiência, como Record, Globo ou Capital. Tampouco a um inusitado episódio: quando era repórter esportivo na Rádio Marconi, ele narrou ao vivo um assalto que estava acontecendo na própria emissora. Começava então a nova fase na carreira dele. Maria Tereza diz que há uma peculiaridade no programa de Gil Gomes: com base em três mil cartas de ouvintes e textos dos programas, referentes a 1977 até 1987, ela constatou que ele é considerado pelo público como o único capaz de fazer justiça.

O radialista Gil Gomes: objeto de tese.

Maria Tereza: como nos folhetins de jornal.

De amigo a detetive

Segundo a pesquisadora, existe uma relação dialógica em que o ouvinte acredita que a história narrada é dirigida para ele próprio. As pessoas se identificam com os casos, enquanto o radialista deixa em aberto o julgamento, a cargo do público. "Para os ouvintes Gil Gomes é o único honesto e que não tem vínculos com a polícia", diz ela. De secretárias a donas-de-casa, operários ou demais classes populares sujeitas em seu cotidiano a uma situação de violência — sem excluir os policiais e os bandidos entre os ouvintes e telespectadores de Gil Gomes, que também apresenta-se em programa de televisão — "as pessoas fazem uma releitura de suas vidas. Ou seja, elas passam a repensar seus papéis através do drama estetizado, na rádio ou na televisão. Por isso não é justo afirmar que o programa policial aumente o índice de violência", defende a antropóloga.

É o amigo, conselheiro, policial, detetive ou qualquer outro papel atribuído pelos fãs ao radialista que, segundo a pesquisadora, relata principalmente os dramas do cotidiano e não o crime em si. É o filho que se perdeu, a traição conjugal, o drama do travesti ou o homossexual que perdeu o emprego. Nos bastidores da emissora, a equipe de produção do programa mantém contato periódico com 250 delegacias de polícia da Grande São Paulo, a fim de selecionar os casos de maior identificação com o público. Em sua tese de mestrado, Maria Tereza cita alguns e afirma que da leitura das cartas selecionou 450, das quais acima de 50% haviam sido escritas por mulheres.

O discurso na TV

O fato de as emissoras de televisão estarem incluindo programas como o de Gil Gomes (*Aqui Agora*, pelo SBT) não significa um rebaixamento do discurso televisivo, na opinião da antropóloga. "Acompanhei as programações por causa da tese de mestrado e ainda agora com o trabalho de doutorado. Acredito que desde aquela época está havendo a tendência por explorar o filão do drama do cotidiano. A divisão entre o que é popular e erudito não existe na cabeça da população, mas sim a identificação com os programas. Além disso, há de se lembrar que a televisão ainda é uma forma de lazer para as pessoas que não têm dinheiro para ir ao teatro ou ao cinema", diz Maria Tereza.

A pesquisadora compara o filão do drama cotidiano levado às massas pelas ondas do rádio e da televisão aos antigos folhetins. "Nos episódios se tem grandes heróis, vilões e a estrutura do cotidiano de uma demanda considerável da população". Na telenovela *Carrossel*, também do SBT, o gordinho simpático ou a menina enjoada são atrativos para o público infantil, avalia Maria Tereza.

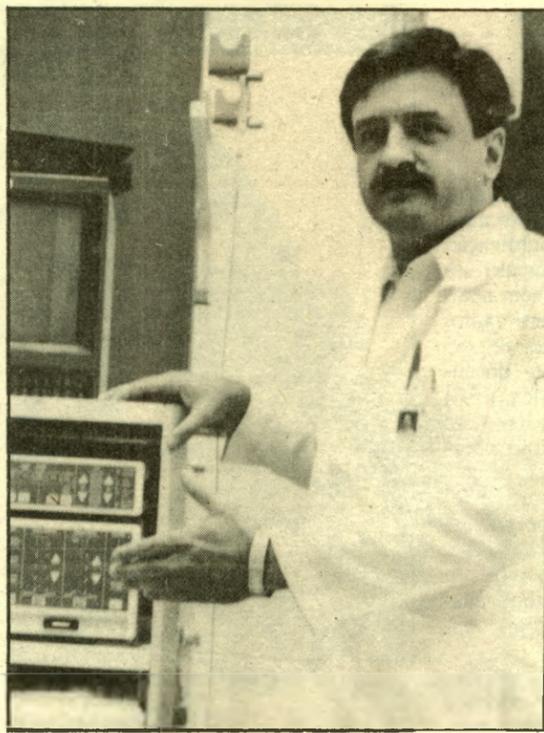
A Rede Manchete e a Rede Globo de Televisão não estão excluídas desse estilo. A primeira, em *Documento Especial*, apresenta temas que a população gosta de ver e tem curiosidade, diante da fachada bem tratada de um programa científico, que tem como slogan "a televisão-verdade", diz Maria Tereza. Ela relata ainda que o noticiário da Globo, diante da competição com as novelas de linha mexicana, "inseriu uma certa dose de sangue" e readaptou papéis de personagens da novela do horário nobre. **(C.P.)**

Pessoa inspira tese médica

Poeta português pauta ensaio sobre relações médico-paciente.

Quando iniciou estudos para um projeto sobre a classificação de gastrites e duodenites, o médico Paulo Roberto de Sousa, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, não imaginava que a simples leitura de um livro pudesse alterar radicalmente não apenas os rumos de sua vida profissional mas também a sua própria filosofia de vida.

A frase "Um dia descobriu-se que os sintomas têm um sentido", contida no *Livro do desassossego*, do poeta português Fernando pessoa (1888-1935), inspirou-o na elaboração de sua tese de doutorado (defendida em julho último) na qual Paulo Roberto, gastroenterologista e psicanalista — sob a orientação do professor Frederico Magalhães, coordenador da disciplina de gastroenterologia, e do psicanalista Antonio Muniz de Rezende — sugere um novo modelo para a prática da medicina. Um modelo que, segundo ele, busca basicamente o aprofundamento nas relações médico-paciente — visando, de um lado, a valorização do profissional de medicina e, de outro, a humanização do doente. Mas para que haja esse vínculo entre ambos — diz — é preciso que os médicos deixem de encarar o doente como se ele fosse apenas "uma doença" para identificá-lo como uma pessoa. "A própria linguagem que nós médicos usamos mostra que tratamos o tumor, em vez de tratarmos uma pessoa que tem o tumor", explica.

Fernando Pessoa numa rua de Lisboa em 1930.

Paulo Roberto: tese na primeira pessoa.

Nas 182 páginas de sua tese, escrita na primeira pessoa do singular — técnica pouco usual nos trabalhos acadêmicos — o pesquisador transcreve nove poemas de Fernando Pessoa, relacionando-os com temas que discute em cada um dos capítulos. O trabalho sugere que o médico leve em consideração o que sente em relação a seu paciente, além de, durante a consulta, dar importância ao que ele diz sentir. "Hoje, curiosamente, o médico ouve apenas a sua própria voz, esquecendo-se de ouvir o que o paciente tem a lhe dizer sobre seus sintomas", afirma.

Moléculas

Professor de gastroenterologia da FCM, Paulo defende a tese de que o médico precisa aprender a ouvir mais o que seu paciente tem a dizer, a dedicar a ele mais tempo, carinho e atenção — fatores fundamentais para o êxito de um tratamento médico. "Minha geração de médicos, preocupada prioritariamente com a técnica, esqueceu-se um pouco do lado humano", diz. Com isso, ressalta, o médico acaba mais preocupado com o aspecto molecular da doença do que com o próprio paciente.

Paulo lembra que, além de Fernando Pessoa, também o filósofo e historiador Michel Foucault, Freud e o escritor tchecc Milan Kundera influenciaram de maneira decisiva no desenvolvimento de suas idéias. De Kundera, por exemplo, cita a personagem Tomas, de *A insustentável leveza do ser*, que assim reflete: "Em trabalhos práticos de física, qualquer aluno pode fazer experimentos para verificar a exatidão de uma hipótese científica. Mas o homem, porque não tem senão uma vida, não tem nenhuma possibilidade de verificar a hipótese através de experimentos, de maneira que não saberá nunca se errou ou se acertou ao obedecer a um sentimento". Paulo analisa o comportamento de uma série de pacientes: como eles descrevem o que sentem, como agem ao falar de seus sintomas, de sua vida particular, seus anseios, medos e angústias.

"Do mesmo modo que muitos médicos, desde a antiguidade, verificaram que toda doença tem um sentido para o paciente, só recentemente percebi esta importante relação", revela. A manifestação clínica dos sintomas, além do orgânico, poderia ser a expressão de desejos inconscientes, de sentimentos reprimidos e de experiências remotas. No caso da gastroenterologia e da medicina generalista, pode-se dizer que "as relações íntimas precocemente estabelecidas entre as funções gastrointestinais de um lado e de outro o desenvolvimento psicossexual e as primeiras relações humanas das crianças fundamentam a riqueza de expressões e representações dos conflitos psicológicos no tubo digestivo", diz.

Depósito de sintomas

Na sua opinião, o doente "é um texto vivo" e sua doença não é anatômica. Nas visitas que faz às enfermarias, tem verificado que o paciente é quase sempre reduzido ao órgão "doente", ao "caso". Por exemplo: "Este é uma cirrose", "aquele, uma pancreatite", "aquele outro é uma hipertensão", ou "uma diarréia crônica". Tudo isso é resultado do processo de "coisificação" a que estão sujeitos, hoje, médicos e pacientes, avalia. Além de provar que a maioria dos sintomas de doenças gastroenterológicas não chega verdadeiramente a ser "doença", no sentido tradicional do termo, a tese de Paulo chama a atenção para o perigo que pode acarretar a somatização das doenças pelo médico. Este, diz o pesquisador, é um depositário de sintomas do doente: angústias, medos e traumas são absorvidos pelo médico, tornando-o psicologicamente vulnerável.

Se o mundo do médico é um mundo de doentes, é natural que veja como doentes todos aqueles que o cercam. Por isso, é preciso que o médico reavalie sua atuação enquanto profissional de medicina, "e que se submeta a um processo de tratamento médico", sugere.

A própria comunidade pode, nesse sentido, dar a sua contribuição. De que forma? Valorizando o médico que a assiste, tendo o poder de escolha do médico de sua confiança — o chamado médico da família, como nos tempos antigos; liberdade para clinicar mais eficientemente, fator fundamental para que ele possa ouvir mais o paciente, "e não atendê-lo em cinco minutos e depois prescrever um mundo de medicamentos, que no fim só vai lhe fazer mal".

Paulo Roberto diz que sua tese — na qual gastou dois anos e meio, da concepção da idéia à conclusão do texto — poderá trazer uma contribuição aos médicos, mostrando que há outras maneiras de assistir aos pacientes além da medicina tradicional. Todavia, acha que será difícil, pelo menos a curto prazo, colocar em prática esse novo modelo de atendimento médico. Se de um lado encontrou certa resistência por parte de alguns médicos mais ortodoxos, por outro, como ele mesmo diz, "alguns pacientes estranham que eu pergunte detalhes sobre a vida deles. Mas é possível desenvolver um tratamento médico mais eficiente com essas características, sem transformá-lo num tratamento em moldes exclusivamente psicanalíticos". **(A.R.F.)**

Obstetra analisa mito da gravidez após os 40

Idade amplia os riscos, mas obstáculos podem ser superados.

Adiar o casamento para mais tarde, por razões profissionais ou de qualificação intelectual, tem levado muitas mulheres a enfrentar um sério conflito interno: a questão da maternidade. Muitas delas começam a ter filhos com 40 anos ou mais. Outras chegam a essa idade grávidas do segundo ou terceiro bebê. Enquanto essa situação é mais comum em países do primeiro mundo, naqueles em desenvolvimento, como o Brasil, isso ocorre com maior freqüência em mulheres que já tiveram vários filhos e continuam engravidando por ignorarem os métodos preventivos. Segundo estatísticas publicadas em livros e revistas especializadas, são registrados no mundo todo cerca de 2 a 3% de partos em mulheres com idade acima de 40 anos, desafiando o mito popular de que não se pode mais ter filhos nessa faixa etária.

Cecatti: pesquisa com 494 mulheres.

QUADRO COMPARATIVO

	Faixa etária	
	40-49 anos %	20-29 anos %
Hipertensão arterial	43,7	16,8
Apresentação anômala do feto	7,7	4,2
Cesárea	34,2	16,0
Sofrimento fetal	26,0	14,9
Hemorragia no período pós-parto	7,9	4,4
Depressão neonatal	9,9	4,7
Malformações congênitas	4,0	2,9
Mortalidade perinatal	8,1	2,4

Em sua tese de mestrado, recém-defendida sob o título "A gestação da mulher aos 40 anos ou mais: É apenas a idade responsável pelo maior risco materno e perinatal?", o obstetra José Guilherme Cecatti, professor assistente da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, conclui que a idade, embora amplie os riscos da gravidez, não é a única responsável por eles. "Muitas vezes mulheres mais velhas são mais bem sucedidas durante e após gestação e parto que outras bem mais jovens, por se mostrarem em melhores condições de saúde, além de bom estado psicológico e elevado grau de conscientização quanto aos cuidados pré-natais", avalia o médico.

Portanto, Cecatti não contra-indica a gravidez nesta faixa de idade, mas alerta para a necessidade de um acompanhamento médico assíduo, o que possibilita a redução de futuros problemas para a mãe e para o bebê. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o pré-natal deve ser feito mensalmente até o sétimo mês de gestação, passando a ser quinzenal no oitavo e semanal no último mês. "Ainda assim, admite-se um mínimo de seis consultas por gestação", frisa Cecatti, lembrando, contudo, que de um universo de 494 mulheres pesquisadas, 16% não fizeram nenhuma consulta e 36% foram de uma a cinco vezes ao médico.

Grupos comparativos

Para enriquecer sua tese, o obstetra considerou dois grupos de gestantes, dividido por idade: 988 mulheres na faixa de 20 a 29 anos — idade considerada ideal para a reprodução —, e 494 entre 40 e 49 anos. Todas elas tiveram seus filhos ou no Hospital de Clínicas (HC) ou no Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), ambos da Unicamp, no período de 1977 a 1990.

Para uma comparação criteriosa entre os dois grupos, Cecatti selecionou mulheres com o mesmo número de filhos, "o que influi muito nas tabelas de riscos", diz. Segundo o obstetra, eles diminuem quando a mulher de 40 anos ou mais fica grávida do segundo ou terceiro filho. Mais arriscada é a primeira gestação nesta idade, bem como a gravidez depois de muitos filhos.

Os dados de sua pesquisa indicam que as mulheres com mais de 40 anos têm cinco vezes mais probabilidade de adquirir diabetes no período da gravidez e o seu bebê quase o dobro de chances de nascer com peso acima do normal — superior aos 3.815 gramas, considerado o peso máximo para 40 semanas. Também as malformações congênitas como a Síndrome de Down, problemas no coração ou no sistema nervoso central são três vezes mais constantes em mulheres na faixa dos 40 anos ou mais.

O parto por cesária é duas vezes mais freqüente no grupo de mulheres mais velhas, em função de um maior número de patologias a que são acometidas essas gestantes e também da apresentação anômala dos bebês (sentados ou atravessados no ventre da mãe). Verifica-se ainda que a morte perinatal (no final da gravidez ou nos primeiros sete dias de vida do bebê) foi quase quatro vezes maior em filhos de gestantes com 40 anos ou mais. "Apesar de todos esses riscos, a mulher que deseja engravidar em idade mais avançada pode diminuí-los se for consciente e fizer um pré-natal adequado, quando os problemas são logo detectados e tratados no início".

Cecatti acrescenta ainda que, de acordo com a literatura médica, também o índice de mortalidade materna é maior nessa faixa dos 40 ou mais, embora na Unicamp não tenha sido registrado nenhum caso nesse período de levantamentos estatísticos. **(L.C.V.)**

Pan leva Asdrúbal ao pódio

Professor da FEF traz ouro de Havana com Adauto Domingues.

O reconhecimento de uma pesquisa acadêmica, não raro, leva anos para ser atingido. Dos laboratórios para a publicação dos resultados,são inúmeras a etapas a serem vencidas. E os resultados nem sempre atingem as expectativas. Entretanto, esta situação não pode ser aplicada ao pesquisador Asdrúbal Ferreira Batista, docente da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, que há algum tempo tem visto nas pistas de atletismo os resultados de seus trabalhos acadêmicos. O fruto mais recente de seu empenho acadêmico-esportivo foi alcançado nos Jogos Pan-americanos, recém-realizados em Havana. Adauto Domingues, atleta que treina há 10 anos sob orientação de Asdrúbal, conquistou medalha de ouro nos 3.000 metros com obstáculos.

Desde 1986, quando foi contratado junto à FEF, Asdrúbal vem dividindo seu tempo entre as atividades acadêmicas e esportivas. Até então ele treinava atletas no Sesi de Santo André. Naquela época ele já se firmava como um técnico que fugia aos padrões convencionais. Seu trabalho não se limitava às pistas de atletismo. Ao contrário, era após as atividades práticas que Asdrúbal se debruçava sobre livros e artigos que suscitavam uma refexão acerca do atletismo. Atualmente ele prepara projeto para ingresso no curso de doutorado com trabalho na área de especificidade da resistência em função das diferentes distâncias de competição.

A paixão pelo esporte despertou cedo em Asdrúbal. Mas foi na juventude que ele iniciou sua escalada ao pódio. Pela modalidade de salto em altura, conquistou algumas edições dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e Troféu Brasil. Mas foi como técnico de atletismo que viu sua estrela brilhar. O medalha de ouro dos jogos realizados em Havana, Adauto Domingues, também foi ouro nos 3.000 metros com obstáculos e prata nos 5.000 metros nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, em 87.

Asdrúbal: medalha de ouro em Havana e reflexão sobre o atletismo.

O outro atleta orientado por Asdrúbal e que também esteve em Havana foi João Alves de Sousa, o "Passarinho". Entretanto, não teve a mesma sorte de Adauto: após 35 quilômetros de maratona, o atleta sofreu queda de pressão arterial e desmaiou. Foram-se as esperanças de repetir a proeza deste ano, quando conquistou a Maratona de Munique. "O Passarinho tinha chances de medalha", assegura Asdrúbal.

Do lado de fora das pistas, Asdrúbal corre atrás de outro título:o da tradicional prova de São Silvestre. Em 1985 ele colocou três atletas no pódio (classificação de 1º a 5º lugares). Desde aquela façanha, o pódio da São Silvestre sempre teve um atleta orientado pelo pesquisador da Unicamp. Atualmente, ele divide suas atividades acadêmicas com o trabalho de orientação a 22 atletas.

O fato se dá de forma pouco comum no meio esportivo nacional. Asdrúbal orienta simultaneamente atletas que pertencem a equipes rivais. Para provas de 5.000 metros, por exemplo, ele é responsável pelo preparo técnico de quatro dos mais destacados atletas na especialidade: Adauto Domingues e Valdenor Pereira dos Santos, do Sesi, e Vanderlei Cordeiro de Lima e Clodoaldo do Carmo, da Funilense.

Da estadia em Cuba, Asdrúbal pode dizer que ficou fascinado com a ilha de Fidel. Mais: com a idolatria e reverência que o povo cubano demonstra quando se dirige ao ditador que há 32 anos tomou o poder e implantou o comunismo nas barbas do Estados Unidos. Asdrúbal lembra que o país parou diante de um discurso de duas horas e meia, transmitido ao vivo, em que o chefe barbudo fez em homenagem a Nelson Mandela. "Fiquei estático diante do aparelho de tv", confessa Asdrúbal.

O professor da Unicamp também ficou surpreso com o carinho que os cubanos dispensam aos brasileiros. O interesse pelo Brasil aumentou significativamente quando as novelas produzidas no país passaram a preencher as monótonas noites cubanas. As novelas transmitem aos cubanos a imagem ufanista de um Brasil próspero, em que carros, casas e mulheres bonitas escondem a miserável realidade de uma nação do Terceiro Mundo. Asdrúbal surpreendeu-se também com o grau de informação que os cubanos têm sobre o Brasil. "Algumas camareiras da Vila Pan-americana e muitos motoristas de táxi sabem mais sobre o país do que muitos brasileiros", afirma. **(A.C.)**

Turma da Mônica invade sala de aula

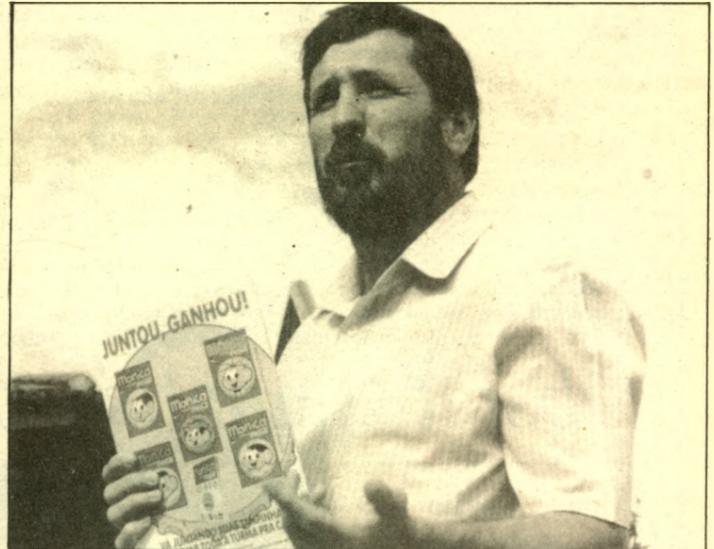
Estudo propõe quadrinhos infantis como instrumento didático.

Imagine-se numa escola de primeiro grau repleta de Mônicas, Cebolinhas, Cascões, Chico Bentos e Pelezinhos, personagens de Maurício de Souza, criador de estórias em quadrinhos. Acrescente-se a esse divertido cenário algumas dramatizações e diálogos "bolados" pelos próprios alunos, a partir da discussão das tiras do Maurício. A proposta é de Gílian Carraro, professora de educação física e aluna de pós-graduação da Unicamp, em nível de especialização. Orientada por Lino Castellani Filho, professor de História da Educação Física e do Esporte da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade, Gílian selecionou alguns dos personagens de Maurício de Souza para o desenvolvimento de seu trabalho, que busca também detectar o modo como esses agentes culturais influenciam a criança na formação do conceito de brinquedo, jogo, esporte e lazer.

Levado para a sala de aula, através de debates sobre recortes e colagens, organizados pelos estudantes, o conteúdo dessas estórias preenchem o espaço convencional reservado à disciplina de educação física. Segundo Gílian, o objetivo da proposta é quebrar a rotina didática, limitada normalmente a reproduzir exercícios ou jogos desportivos, sem levar em conta os fenômenos culturais, ou como se forma e vem sendo sistematizada a cultura corporal.

Ela justifica a opção por Maurício de Souza lembrando que a criança, mesmo antes de ser alfabetizada, já está familiarizada com seus personagens, "velhos conhecidos" de camisetas, meias, mochilas, guarda-chuvas, produtos alimentícios e de higiene, seja através da televisão, seja das próprias revistas.

Nas estórias de Maurício, os personagens vivem relações semelhantes às da sociedade brasileira, ao contrário do que ocorre por exemplo com a família dos patos Disney, cujo enredo gira em torno de animais-animados, sem família e em eternas férias. A realidade brasileira apresenta uma série de peculiaridades de acordo com a situação geográfica, econômica, cultural e étnica, percebidas no contexto dessas revistas. As estórias abordam o envolvimento das crianças com os pais e com o meio em que vivem, seus amigos, os bichos de estimação e toda a gama de relações a partir desse universo.

Gílian: os quadrinhos como alternativa lúdica na escola.

Lino Castellani, o orientador: função didática do lazer.

Reflexão

A monografia de Gílian, apresentada sob o título "Maurício de Souza e seus personagens visitam a escola. Qual é a mensagem que eles transmitem?" propõe ainda a utilização das revistas em quadrinhos como instrumento didático na educação física. Além de emprestarem um toque lúdico às aulas, possibilitam à criança uma leitura crítica da realidade, ao correlacionar a mensagem contida nas tirinhas com situações do cotidiano.

Castellani observa que o trabalho vem reforçar uma vertente na área da educação física que busca a reflexão sobre os fenômenos culturais, não se restringindo à perspectiva do fazer, mas estendendo-se à esfera do conhecer, para ele "imprescindível na área de educação física escolar". Em um dos capítulos de sua monografia, Gílian questiona os estereótipos de comportamento masculino e feminino, presentes na sociedade e reproduzidos nas estórias de Maurício, "o que acentua a visão dominante de brinquedo, jogo, esporte e lazer. Enquanto os meninos jogam futebol, por exemplo, as meninas — sempre vestindo modelos femininos e laços de fita nos cabelos, com exceção da Mônica —, desempenham os papéis de gandulas, de torcedoras ou servem quibes nos intervalos, como é o caso da personagem Samira das estórias do Pelezinho. Em seu trabalho, Gílian sugere que as meninas também participem ativamente dos jogos e brincadeiras, em conjunto com os meninos e vice-versa.

Pelezinho

MAURÍCIO DE SOUZA

PRRRIIII!

O personagem Pelezinho, de Maurício de Souza: lazer e contexto social.

Também a ascensão social através do esporte é abordada nas revistas em quadrinhos de Maurício de Souza, na figura do personagem Pelezinho, que se vê como um futuro jogador de futebol, famoso e rico. "As tiras não questionam a ordem social estabelecida, atendo-se apenas à reprodução da realidade, o que vem solidificar os valores impostos pela sociedade, na questão dos jogos, do esporte e do lazer", afirma ela.

A pesquisadora conclui em sua monografia que a utilização das revistas em quadrinhos nas aulas, como material didático — de forma crítica e criativa —, possibilitará ao professor de educação física ampliar sua ação educativa. Em seu segundo curso de especialização na Unicamp, desta vez na área de Recreação e Lazer, Gílian decidiu dar continuidade ao trabalho tomando emprestados mais uma vez, os personagens de Maurício.

Contextualização

A pesquisadora procura ainda contextualizar os personagens utilizados em seu trabalho: Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão pertencem ao mesmo conjunto histórico-social. Eles moram na cidade, relacionam-se entre si e com outros personagens. O Chico Bento constrói a sua convivência com outros agentes culturais, de acordo com seu meio rural, utilizando uma linguagem característica da roça. O Pelezinho também vive na cidade e suas aventuras são inspiradas na infância do grande craque Pelé. Para se relacionar com ele, Maurício de Souza criou outros personagens, com base nas lembranças do próprio jogador. **(L.C.V.)**

VIDA UNIVERSITÁRIA

EM DIA

Diretor do IA - Integrar o Instituto de Artes à comunidade universitária, às agências de fomento, à pesquisa e à comunidade artístico-científica internacional são as principais metas do professor Március Freire, recém-empossado na Diretoria do IA. O pesquisador, que já desempenhava a função de diretor desde o final do ano passado, em substituição ao professor Bernardo Caro, terá como diretora associada a professora Maria Lúcia Senna Pascoal, docente do Departamento de Música. Paralelamente às atividades administrativas, Március Freire continuará ministrando aulas no curso de pós-graduação em Multimeios. A posse ocorreu no último dia 21. Március fica à frente da Diretoria do IA por quatro anos.

Honoris causa - No último dia 29 a Unicamp entregou o título "Dr.Honoris Causa" ao pesquisador Bernardo Boris Vargaftig. A homenagem foi prestada pelo reitor Carlos Vogt durante sessão solene que aconteceu no Conselho Universitário (Consu). Natural da Argentina, o professor Vargaftig iniciou suas atividades científicas em 1963, como interno no Hospital de Clínicas da USP. Em 1984 foi assistente do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Sua atividade científica pode ser avaliada através de 252 trabalhos publicados nas mais destacadas revistas médicas do Brasil e do exterior. Sua principal área de atuação se concentra no estudo do ácido aracdônico, prostalglandias e sua interação com plaquetas e a circulação sangüínea.

CURSOS

Feagri: inscrições - A Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) recebe até 30 de setembro as inscrições para os exames de seleção ao curso de mestrado nas suas cinco áreas: água, solo, construções rurais, máquinas agrícolas, planejamento e produção agro-pecuária e processamento de produtos agropecuários. Os exames deverão ser realizados em outubro. O curso terá início em março de 92. Mais informações poderão ser obtidas na Secretaria da Pós-Graduação, através do telefone 39-8605.

Comemorações do jubileu têm clímax em outubro

As atividades de comemoração do jubileu de prata da Unicamp, que vêm tendo como eixo um ciclo de discussões sobre questões de educação, encaminham-se agora para seu ponto alto: a abertura, no dia 7 de outubro, de um grande Congresso cujo encerramento está previsto para o próximo dia 13 de dezembro. O evento vai reunir representantes de grupos de trabalho formados pela Unicamp, USP e Unesp, além de personalidades nacionais e convidados estrangeiros.

Intitulado "Universidade pública, educação e desenvolvimento nacional: uma história, um percurso e alguns projetos", o Congresso transcorrerá até o mês de dezembro, quando os grupos de trabalho (GTs) das três universidades promoverão reuniões individuais e coletivas para a reflexão desses temas.

"O aperfeiçoamento do professor de 1º e 2º graus, a co-produção de material didático, a organização de novos cursos que recubram as demandas sociais não contempladas pelos atuais currículos e a discussão dos vestibulares, parecem formas possíveis e legítimas de interferência da universidade na qualidade da educação brasileira", afirma o documento base da comissão organizadora dessa programação comemorativa, formada pelo coordenador geral da Comissão do Vestibular, Jocimar Archangelo, pela professora Marisa Lajolo, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), e pelo diretor da Faculdade de Educação (FE), professor José Luís Sanfelice.

No interior das universidades os GTs se constituíram segundo critérios estabelecidos em cada uma delas. Seu principal objetivo é a discussão e a reflexão sobre os papéis que as universidades públicas paulistas devem desempenhar e o que a sociedade e o Estado esperam dessas instituições. Serão debatidas basicamente as possibilidades de contribuição dessas universidades na qualificação da educação pública da alfabetização ao segundo grau — bem como os procedimentos para a qualificação científica e tecnológica necessários à inserção do país na modernidade.

Os grupos são formados por pesquisadores das respectivas instituições que atuam na área educacional. Os grupos de trabalho em atividade na Unicamp são os seguintes: "Educação Especial" — coordenado pela professora Gilberta Januzzi (Faculdade de Educação/FE); "Educação e trabalho" — professora Liliana Segnini (FE), "Lei de diretrizes e bases, impactos e condicionantes à atuação das universidades públicas" — professor Osmar Marchese (Núcleo de Estudos Constitucionais/NEC); "A norma e o equilíbrio dos espaços sociais" — procurador da Universidade, Isolino Siqueira (Procuradoria Geral); "Pré-escola" — professora Maria da Glória Gohm (FE); "Tecnologia, trabalho e comunicação" — professora Lili Kawamura (FE) e "O vestibular e seu impacto dentro e fora da Universidade" — coordenado pelo professor Jocimar Archangelo (Comissão do Vestibular/Convest). Como resultado final, eles produzirão um documento que, junto com outros a serem ainda elaborados durante o evento, subsidiarão as futuras propostas de projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social, científico e tecnológico do país.

Neste mês, haverá uma reunião no dia 16, das 9 às 17 horas, com os representantes dos GTs constituídos em cada universidade, para um intercâmbio de informações, realização de debates e preparo das atividades do mês de outubro. **(L.C.V.)**

LIVROS

A antropologia de Rivers, de Roberto Cardoso de Oliveira (organizador). Traduzido por Gilda Cardoso de Oliveira e Sonia Bloomfiled Ramagem, o livro, de 279 páginas, traz uma coletânea de textos inéditos, através dos quais Rivers tornou a herança da psicologia, da filosofia e da história parte da herança de nossa disciplina. Roberto Cardoso de Oliveira, professor do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, desenvolve uma reflexão sobre os estudos de Rivers, incorporando-os a um debate a respeito das fronteiras e conexões da antropologia com outras disciplinas. Editora da Unicamp (Coleção Repertórios).

O universo brasileiro por trás dos livros, de Tânia Maria Piacentini. Através do depoimento de doze escritores brasileiros, a autora, mestre em Educação pela Unicamp, se propõe a revelar no livro de que maneira se realiza o texto literário, em que condições trabalha um ficcionista até chegar ao produto final: o livro. Seu trabalho de pesquisa se desenvolve através dos depoimentos dos romancistas Moacyr Scliar, Antonio Torres, Deonísio da Silva, Elias José, Antonio Carlos Villaça, Tânia Faillace, Holdemar Menezes, Rubem Mauro Machado, Modesto Carone, Herberto Sales, Domingos Pellegrini Jr. e João Antonio. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

TESES

Ciência da Computação

"Um compilador para uma linguagem de programação orientada a objetos" (mestrado). Candidato: Carlos Alberto Furuti. Orientador: professor Rogério Drummond Burnier Pessoa de Mello Filho. Dia: 28 de agosto.

Educação

"A atividade pedagógica e a produção da escrita" (mestrado). Candidata: Ana Lúcia Horta Nogueira. Orientadora: professora Ana Luiza Bustamante Smolka. Dia: 28 de agosto.

"O ensino público estadual de 1º grau na grande São Paulo: o ciclo básico em questão" (mestrado). Candidato: Waldemar Marques. Orientadora: professora Maria de Lourdes Manzini Covre. Dia: 28 de agosto.

"A formação do oficial brasileiro e a transição democrática" (doutorado). Candidato: Antonio Carlos Ludwig. Orientador: professor José Camilo dos Santos Filho. Dia: 30 de agosto.

Engenharia Elétrica

"Análise do comportamento dinâmico de descargas elétricas em corrente contínua na superfície de isoladores de alta tensão sob poluição, utilizando fotomultiplicadores" (doutorado). Candidato: Oscar Armando Maldonado Astorga. Orientador: professor José Pissolato Filho. Dia: 2 de agosto.

"Eletrônica e Comunicações" (mestrado). Candidato: Ramiro Parente de Oliveira. Orientador: professor Attílio José Giarola. Dia: 9 de agosto.

"Uma nova proposta para confecção da extensão da terminação da junção (JTE)" (mestrado). Candidata: Janete Mouallem. Orientador: professor José Antonio Siqueira Dias. Dia: 9 de agosto.

"Simulador de efeito de multipercurso em canal de rádio móvel" (mestrado). Candidato: Omar Carvalho Branquinho. Orientador: professor Michel Daoud Yacoub. Dia: 9 de agosto.

"Contribuição ao planejamento da operação energética de sistemas hidrotérmicos de potência" (doutorado). Candidato: Adriano Alves de França Mendes Carneiro. Orientador: professor Secundino Soares Filho. Dia: 19 de agosto.

"Implementação paralela do algoritmo linhas e superfícies escondidas em máquinas MIMD fracamente acopladas" (mestrado). Candidato: Diego Alberto Aracena Pizarro. Orientador: professor Clésio Luis Tozzi. Dia: 20 de agosto.

"Garras articuladas para robôs manipuladores: análise cinemática e de forças, sensoreamento e controle de posição e esforços na preensão de objetos" (mestrado). Candidato: Adilson Sakahi Ohfugi. Orientador: professor Álvaro Geraldo Badan Palhares. Dia: 20 de agosto.

"Um sistema de comunicação computadorizado para portadores de distúrbios neuromotores" (mestrado). Candidato: Jean André Lage Michalaros. Orientador: professor Said Jorge Calil. Dia: 23 de agosto.

Engenharia Mecânica

"Contribuição ao projeto de uma bomba centrífuga de sangue" (mestrado). Candidato: Gastão Dias Motta. Orientador: professor Antonio Celso Fonseca de Arruda. Dia: 7 de agosto.

"Otimização de malhas de elementos finitos pelo método da relocação dos nós na elasticidade linear" (mestrado). Candidato: Alberto Luiz Serpa. Orientador: professor Fernando Iguti. Dia: 8 de agosto.

"Análise dinâmica de sistemas de transmissão de torque" (mestrado). Candidato: Wilson Roberto Nassar. Orientador: professor Hans Ingo Weber. Dia: 30 de agosto.

"Um modelo de índice de automação relacionada à flexibilidade e à produtividade dos sistemas de manufatura" (doutorado). Candidato: Antonio Batocchio. Orientador: professor Oswaldo Luiz Agostinho. Dia: 30 de agosto.

"Desenvolvimento de um modelo matemático para prognosticar as características de desempenho dos conversores de torque" (mestrado). Candidato: Joaquim Emanuel Santini. Orientador: professor Hans Ingo Weber. Dia: 30 de agosto.

Engenharia Química

"Efeitos da adição de eletrólito no equilíbrio líquido-líquido" (mestrado). Candidata: Regina Ferreira Vianna. Orientador: professor Saul Gonçalves DÁvila. Dia: 7 de agosto.

"A interação metal-suporte em catalisadores de paládio-óxido de lantânio" (mestrado). Candidato: Paulo Roberto Britto Guimarães. Orientador: professor Mário de Jesus Mendes. Dia: 7 de agosto.

Estatística

"Testes não paramétricos para análise de alguns experimentos com medidas repetidas" (mestrado). Candidato: Miguel Angel Uribe Opazo. Orientador: professor Belmer Garcia Negrillo. Dia: 2 de agosto.

"Gráficos de controle com amostragem a tempos variáveis comandados pelas últimas observações" (mestrado). Candidato: Luiz Antonio Rodrigues Verdi. Orientador: professor Sebastião de Amorim. Dia: 5 de agosto.

"Planos amostrais para variáveis espaciais utilizando gedestatística" (mestrado). Candidato: Marcelo Silva de Oliveira. Orientador: professor Armando Mário Infante. Dia: 5 de agosto.

"Gráficos de controle para média de um processo com limites de advertência e tamanhos amostrais variáveis" (mestrado). Candidato: Ivanio Geraldo Lemos. Orientador: professor Sebastião de Amorim. Dia: 9 de setembro.

Humanas

"As metáforas especiais psicanalíticas" (mestrado). Candidato: Hélio Lopes da Silva. Orientador: professor Bento Prado de Almeida Ferraz Junior. Dia: 7 de agosto.

"Pagode - modernidade e música popular" (mestrado). Aluno: Alejandro Ullho San Miguel. Orientador: professor José Luiz dos Santos. Dia: 14 de agosto.

"Todos os caminhos levam ao céu: relações entre cultura popular e cultura erudita no Brasil do século XVI" (mestrado). Candidata: Adriana Romeiro. Orientador: professor Sidney Chalhoub. Dia: 15 de agosto.

"Superfícies alteradas: uma cartografia dos grafites na cidade de São Paulo" (mestrado). Candidato: Nelson Eugênio da Silveira Junior. Orientadora: professora Regina Aparecida Polo Muller. Dia: 15 de agosto.

"Telecomunicações no Brasil: as empresas nacionais de telequipamentos e geração de tecnologia nacional" (mestrado). Candidata: Maria Conceição da Costa. Orientador: professor Thomas Patrick Dwyer. Dia: 16 de agosto.

"O descompasso das idéias: Vargas e a burocracia de Estado" (doutorado). Candidata: Dalva Rausch Hatys. Orientador: professor Octavio Ianni. Dia: 27 de agosto.

"Antropologia e hermenêutica, explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz" (mestrado). Candidato: Celso Azzan Júnior. Orientador: professor Roberto Cardoso de Oliveira. Dia: 27 de agosto.

"O mundo da violência: repressão e estado policial na era Vargas" (doutorado). Candidata: Elizabeth Cancelli. Orientadora: professora Maria Stella Martins Bresciani. Dia: 28 de agosto.

"Nupcialidade em São Paulo: um estudo por corte e coorte" (doutorado). Candidata: Aida Cecilia Graciela Verdugo Lazo. Orientadora: professora Elza Salvadori Berquó. Dia: 29 de agosto.

"Piratas e cangaceiros (um estudo sobre representações sociais no movimento independente de literatura no Nordeste na década de 80)" (mestrado). Candidata: Ângela Maria de Moraes Bertho. Orientadora: professora Guida Grin Debert. Dia: 29 de agosto.

"Estrangeiros no Brasil: A Missão Francesa na Universidade de São Paulo" (mestrado). Candidata: Fernanda Peixoto Massi. Orientadora: professora Mariza Corrêa. Dia: 17 de setembro.

Lingüística

"A progressão temática na redação escolar" (mestrado). Candidata: Terezinha Maria Moreira. Orientadora: professora Angela Bustos Kleiman. Dia: 7 de agosto.

"Efeitos do contexto sentencial-semântico no processamento lexical" (mestrado). Candidato: Roberto Gonçalves de Almeida. Orientador: professor Edson Françozo. Dia: 12 de agosto.

"O camponês de Paris, de Louis Aragon" (mestrado). Candidata: Flávia Cristina de Souza Nascimento. Orientadora: professora Vera Maria Chalmers. Dia: 16 de agosto.

"Notas sobre a questão da inferência" (mestrado). Candidata: Maria Beatriz Gobby. Orientador: professor Sírio Possenti. Dia: 16 de agosto.

"*On the road* - Pé na estrada: os caminhos do imaginário em tradução" (mestrado). Candidata: Thelma Médice Nóbrega. Orientadora: professora Rosemary Arrojo. Dia: 19 de agosto.

"A gramática gerativa transformacional: um ensaio de Filosofia da Lingüística" (doutorado). Candidato: José Borges Neto. Orientador: professor Rodolfo Ilari. Dia: 28 de agosto.

"*Les amours jaunes*: os amores amarelos de Tristan Corbire" (mestrado). Candidato: Marcos Antonio Siscar. Orientadora: professora Iumna Maria Simon. Dia: 28 de agosto.

Matemática

"Equações de Navier-stokes para fluídos não-homogêneos: existência de soluções, regularidade e aproximação" (doutorado). Candidato: Marko Antonio Rojas Medar. Orientador: professor José Luiz Boldrini. Dia: 9 de agosto.

"Métodos de região de confiança em conjuntos arbitrários e minimização em bolas" (mestrado). Candidata: Sandra Augusta Santos. Orientador: professor José Mário Martinez Férez. Dia: 28 de agosto.

"Um compilador para uma linguagem de programação orientada a objetos" (mestrado). Candidato: Carlos Alberto Futuri. Orientador: professor Rogério Drummond Burnier P. de Mello e Filho. Dia: 28 de agosto.

"Propriedades globais de curvas em variedades reimannianas" (mestrado). Candidato: Marcelo Firer. Orientadora: professora Sueli Irene Rodrigues Costa. Dia: 20 de setembro.

Medicina

"Estudo clínico, epidemiológico das hepatites pós-transfusionais. Papel dos principais marcadores sorológicos envolvidos na transmissão" (doutorado). Candidato: Fernando Lopes Gonçalves Júnior. Orientador: professor Rogério de Jesus Pedro. Dia: 28 de agosto.

Odontologia

"Contribuição ao estado farmacológico das espécies de plantas medicinais: Arctium, Lappa menor, Porophyllum ruderale de Plantago Major (efeitos cicatrizantes e antimicrobiano)" (mestrado). Candidato: Domingos Alves de Lima Neto. Orientador: professor João Leonel José. Dia: 1º de julho.

"Contribuição ao estudo do quilovoltagem nominal preconizada e tempo de exposição de diferentes modelos de aparelhos de raio-X odontológicos" (mestrado). Candidato: Dewel Lomônaco Braga Junior. Orientador: professor Nivaldo Gonçalves. Dia: 1º de julho.

"Análise eletromiográfica dos M.M. bíceps femuris (caput longum) e semitendinosus em movimentos nos planos diagonal e sagital" (mestrado). Candidato: Mauro Gonçalves. Orientador: professor Fausto Bérzin. Dia: 5 de julho.

"Efeitos da sialotoxina I sobre o hemograma e órgãos hematopoéticos (fígado e baço)" (mestrado). Candidata: Liliane Arauto Mendes de Almeida. Orientador: professor Alcides Guimarães. Dia: 5 de julho.

Nos camarins do teatro de revista

Pesquisa vira livro e rompe silêncio sobre os revisteiros.

É entre o novo e o velho que se instala a cultura de um povo. Foi com base nessa linha de pensamento que a pesquisadora Neyde Veneziano, docente do Instituto de Artes (IA) da Unicamp, debruçou-se durante quatro anos sobre um assunto de grande importância para a cultura brasileira, porém relativamente esquecido pela intelectualidade em geral: o teatro de revista. Esse silêncio acadêmico acaba de ser quebrado com a publicação do livro *O teatro de revista no Brasil — dramaturgia e convenções* (Editora da Unicamp/Pontes), fruto de dissertação de mestrado defendida junto à Escola de Comunicações e Artes da USP.

O objetivo do trabalho, segundo Neyde Veneziano, não é esgotar o assunto historicamente. A pesquisa visa a mostrar que o teatro de revista tinha suas convenções; e que o gênero apresentava uma dramaturgia calcada em leis que, embora importadas, se incorporaram ao espírito de brasilidade.

São convenções que, entretanto, se perderam. Com o desaparecimento de revisteiros como Luís Peixoto, Maques Nunes e Carlos Bittencourt, a revista enveredou para três vertentes: espetáculos de exportação (mulatas), shows *gays* e apresentações desqualificadas em palcos de periferia. A pesquisadora faz ainda um estudo das origens populares do teatro de revista, analisa a importância no cenário nacional — da apoteose à decadência — e aborda também componentes relativos à linguagem, à temática e ao caráter popular.

Por que um gênero de tamanha importância cultural ficou à margem das reflexões acadêmicas? Para Neyde, dois motivos contribuíram para esse silêncio. Primeiro, o colonialismo cultural. "O nosso palco, que na época era francês, hoje está contaminado pela influência alemã", diz. Segundo, a falta de incentivo à publicação de textos sobre o assunto. "É mais fácil falar sobre Brecht e Goethe do que procurar as fontes vivas e escrever uma história", justifica. Há ainda um fator que margeia êsses elementos: o teatro de revista é um gênero caracterizado pelo improviso. Segundo a pesquisadora, o espetáculo, não raro, fica nas mãos do ator, fugindo totalmente do teatro dito superior, baseado por excelência na literatura dramática.

De fato, garimpar informações sobre o teatro de revista no Brasil exigiu muito mais trabalho de campo do que de gabinete ou biblioteca. Neyde Veneziano, que é docente do Departamento de Artes Cênicas, não sabe ao certo quantas pessoas entrevistou, mas relaciona, entre essas estrelas da revista brasileira, Walter Pinto, Ankito, Colé, Renata Fronzi, Tião Macalé, Zilco Ribeiro e o travesti Rogéria. Os entrevistados, ansiosos por um trabalho reflexivo sobre o assunto, contribuíram com histórias que ilustram o período do gênero no Brasil. Entretanto, foi com um pesquisador da Uni-Rio, Roberto Ruiz, que Neyde obteve importantes informações para sua pesquisa. Filho de Pepa Ruiz, a grande vedete dos áureos tempos da revista, Roberto, autor de seis livros sobre teatro popular, é hoje um dos raros estudiosos do assunto.

Após esse trabalho de investigação científica, Neyde afirma que os espetáculos recentemente apresentados no Brasil, e que se rotulam como teatro de revista, desconhecem as reais convenções do gênero. Segundo a pesquisadora, eles se baseiam em coreografia de academia, modelo jamais usado pela revista brasileira. Na concepção da pesquisadora, um exemplo vivo do espírito do teatro de revista atualmente no Brasil é o Grupo Ornitorrinco, do autor, ator e diretor Cacá Rosset. O que a *troupe* de Rosset armou no Central Park em Nova York é um exemplo do improviso do teatro brasileiro. Os norte-americanos aclamaram a forma despojada de interpretação de Shakespeare.

O realismo crítico do teatro, baseado em autores como Vianinha, Guarnieri e Plínio Marcos, tomou definitivamente o espaço da visão ingênua do teatro de revista na década de 60. Essa curva do teatro brasileiro foi acentuada pelos modismos impostos pela televisão. Segundo Neyde, muitos quadros humorísticos atualmente apresentados na TV brasileira revelam na bagagem um pouco de revista. "Muitos atores interpretam quadros tipicamente revisteiros e não se dão conta disso", diz.

Entretranto, a verdadeira revista brasileira está hoje na memória das pessoas que viveram a época e nas estantes de colecionadores anônimos. Uma parcela dessa memória acaba de ser doada à Unicamp por Zilco Ribeiro, um dos mais destacados produtores da época. O acervo, com mais de 100 peças teatrais, 200 partituras, fotos e recortes de jornais, já se encontra no Departamento de Artes Cênicas. Depois de realizado o trabalho de organização e catalogação, a professora Neyde Veneziano pretende integrar à Universidade o acervo do comediante Agildo Ribeiro, que também demonstrou interesse em ver na Unicamp todo o material que ele vem colecionando ao longo dos anos. **(A.C.)**

Neyde: a brasilidade do teatro de revista.

Virgínia Lane nos tempos áureos da revista.

Gênero surgiu em teatrinhos de feira

O teatro de revista é um gênero que surgiu em Paris, no século 18, mais especificamente nos teatrinhos e barracas de feira de São Lourenço e São Germano. Da França, a revista seguiu para outros países da Europa, porém foi em Portugal que o gênero encontrou terreno mais fértil para sua aceitação. O teatro de revista só desembarcou no Brasil no século seguinte, trazendo na bagagem alterações que lhe permitiram criar regras e padrões autenticamente nacionais.

O primeiro roteiro para revistas de enredo de que se tem notícia no país, embora não encenado, foi publicado no Teatrinho do senhor Severo, *em 1833, no Rio de Janeiro. Mas somente em 1859 houve a estréia oficial da primeira revista brasileira:* As surpresas do senhor José da Piedade, *de Figueiredo Novaes. Nos primeiros anos de República, Rio de Janeiro e São Paulo já viviam grandes movimentos teatrais. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio dominavam a dramaturgia revisteira do Brasil.*

Entretanto, em 1922, com a chegada da companhia francesa Ba-ta-clan, o teatro de revista brasileiro começou a se voltar para as elites. Luxuosas fantasias desfilavam pelos palcos. O corpo feminino em desfile pôs em plano secundário o que até então eram o foco da atenção do espetáculo: texto e música. Estava apontado o caminho para a descoberta da féerie, inteiramente baseada no aparato cênico.

O teatro de revista é um gênero que significa passar em revista os assuntos do ano — trabalho sempre feito por atores populares que elaboraravam quadros satirizando fatos que marcavam época. A aceitação do público e a expectativa criada em torno do espetáculo fez com que fossem diminuídos os espaços entre as apresentações, surgindo assim caricaturas de acontecimentos imediatos que agitavam o mundo da política, da imprensa, da família e até mesmo do teatro.

No auge do teatro de revista no Brasil, quatro parsonagens tinham presença obrigatória no espetáculo. O malandro, que teve em Oscarito, Grande Otelo e Zé Trindade, os grandes protagonistas do apogeu da revista, na época do populismo de Getúlio Vargas. A mulata, que foi o tipo mais sedutor do teatro brasileiro. O caipira, o clichê cabloco que não ficou só nos palcos: foi para o rádio e para o cinema, tendo em Mazzaropi o exemplo mais popular. E finalmente o português, caracterizado pelos grandes bigodes, pelos tamancões e pelo inconfundível sotaque luso. **(A.C.)**

Na pista do imaginário de Jack Kerouac

O mais famoso mochileiro vira tese de lingüística na Unicamp.

Depois de cortar os Estados Unidos de ponta a ponta viajando a pé, de ônibus ou de carona em caminhões e trens de carga, Jack Kerouac, principal escritor da geração *beat*, acaba de praticar — 22 anos depois de sua morte — uma nova proeza: ele é o protagonista da primeira tese de mestrado do Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

"*On the road* e pé-na-estrada: os caminhos do imaginário em tradução", dissertação de Thelma Médice Nóbrega, 28 anos, fascinada pela literatura *beat* há quase dez anos, é uma análise do romance de Kerouac — *On the road* — traduzido por Eduardo Bueno e Antonio Bivar e publicado no Brasil pela Editora Brasiliense em 1984. No trabalho a pesquisadora desenvolve dois tipos de leitura: a primeira, sobre a linguagem empregada pela dupla de tradutores, "permeada por gírias, palavrões e elementos sintáticos como advérbios de intensidade e superlativos", e a segunda sobre os aspectos puramente literários do livro.

Ao examinar a tradução brasileira Thelma verificou que esta "não teria sido fiel a uma suposta cor local existente do original inglês, mas sim às cores locais do movimento contracultural brasileiro, vinculado a valores e práticas de um tipo de imaginário jovem que se formou no país. É uma linguagem que remete a um espaço histórico, geográfico e social definido — o da juventude dos anos 60 no sul-sudeste do Brasil". A linguagem jovem usada pelos tradutores quando traduzem, por exemplo, "to see" por "sacar", "to leave" por "cair fora", reflete bem a intenção de se restabelecer um vínculo entre o espírito da época do romance e os movimentos jovens e contraculturais da década de 60.

Para ela, no entanto, os tradutores brasileiros foram fiéis apenas à imagem do texto enquanto relato contracultural. A ênfase maior do trabalho de Bueno/Bivar foram os aspectos sociais contidos no texto de Kerouac. "As cenas criadas pelos tradutores parecem refletir os valores e as características que se costuma atribuir à contracultura — como a dicotomia jovem versus adulto, a marginalidade, o nivelamento da experiência e da identidade pelos estereótipos jovens", explica a pesquisadora.

On the road foi lançado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1957. Aqui, 30 anos depois. O movimento literário *beat* passou a ser, inclusive no Brasil, associado à cultura jovem e a seus valores, e os textos produzidos pelos *beats* — William Burroughs (precursor da cultura *beat*, Allen Ginsberg e o próprio Kerouac — foram lidos de acordo com a sua ótica.

"Kerouac foi transformado num símbolo dentro do imaginário jovem", diz Thelma. Curiosamente *On the road* aportou no Brasil, no começo da década de 80, cujo objetivo era ser consumido pela juventude. O livro foi lançado num programa de televisão dirigido especialmente à juventude, o "Fábrica do Som", no qual o apresentador atirava exemplares ao público.

Espontaneidade

Numa segunda leitura do romance de Kerouac — autor de *The town and the city* e *The subterraneans* —, Thelma avalia o aspecto literário contido em *On the road*. Kerouac desenvolveu a "prosa espontânea", como ele próprio denominava, "sem a menor preocupação com estilos ou formas", com um mínimo de concessão para com as regras gramaticais. "Comportamento compatível com o ritmo de vida que levava", lembra a pesquisadora. Escreveu *The subterraneans* em três noites e *On the road* em três semanas.

Para não perder o ritmo que imprimia a seu trabalho, Jack Kerouac não apontava dezenas de lápis nem escolhia papéis especiais e de cores diferentes, como Balzac. Mas tinha também as suas manias: como Proust, que se isolava em quartos revestidos de cortiça, também Kerouac trancava-se em casa, quando retornava de suas longas viagens pelo mundo. E lá, num isolamento absoluto — numa curiosa contradição com seu modo livre de viver — punha-se a escrever em formulários contínuos, "como se estivesse numa longa estrada, sem parar nem mesmo para pensar". E assim foi até sua morte em 1969. "Afinal, o que importava?" — escreveu ele em seu romance mais famoso. "Eu era um jovem escritor e tudo o que queria era cair fora"." **(A.R.F.)**

Jack Kerouac: vida errante e muitos livros.

Thelma: imaginário de Kerouac.

Escritor beat foi herói da contracultura

Ajudante de cozinha, jornalista, limpador de convés, vigia de incêndios florestais e guarda-freios de linhas férreas, Jack Kerouac nasceu em Lowell, Massachussetts, Estados Unidos, no dia 12 de março de 1922. Considerado o mais importante escritor da geração beat, *escreveu sua primeira novela aos onze anos e fez longos "jornais" que cobriam seu mundo esportivo: as corridas de cavalo, o jogo de beisebol com cartas inventado por ele mesmo.*

Influenciado por Sebastian Sampas, resolveu ser escritor aos 17 anos; aos 18, decidiu ser viajante solitário ao ler a vida de Jack London. Escrevia tanto em casa quanto na estrada como vagabundo, ferroviário, exilado mexicano ou viajante pela Europa.

Seu primeiro romance formal foi The town and the city, *com o qual descobriu a prosa "espontânea" que passaria a ser a marca registrada de sua literatura. Em seguida escreveu, em apenas três noites,* The subterraneans, *e mais tarde* On the road, *em três semanas. Escreveu também uma série de poemas,* México city blues.

Foi amigo de Allen Ginsberg e William Burroughs — uma das mentes mais radicais deste século. Apesar de possuir um estilo literário bastante distinto de ambos, talvez exatamente por isso Kerouac tornou-se um dos expoentes da geração beat. *Sempre teve suas próprias idéias e considerou escrever e pregar a bondade universal seus deveres na Terra. Jack Kerouac não se dizia* beat, *mas "um estranho e solitário católico, louco e místico..."*

A frustração por não ser reconhecido como um escritor sério, por não controlar a imagem que a mídia havia feito dele e de sua obra, fez com que se isolasse num bêbado desespero, condenando a cultura jovem que o idealizava. Morreu em 1969, aos 46 anos, por hemorragia estomacal alcoólica. "Talvez a suprema ironia seja que, ao morrer relativamente jovem ao fim de um processo auto-destrutivo, tenha reforçado ainda mais o mito do herói contracultural vítima de seu próprio sentimento de tragédia", observa Thelma. **(A.R.F.)**